

Sheridan College

SOURCE: Sheridan Institutional Repository

Books

Domestic Violence in Immigrant Communities

7-6-2021

Domestic Violence in Immigrant Communities: Case Studies (Brazilian Portuguese)

Ferzana Chaze

Sheridan College, ferzana.chaze@sheridancollege.ca

Bethany Osborne

Sheridan College, bethany.osborne@sheridancollege.ca


Archana Medhekar

Archana Medhekar Professional Corporation

Purnima George

Ryerson University

Follow this and additional works at: https://source.sheridancollege.ca/dvic_book

 Part of the [Domestic and Intimate Partner Violence Commons](#), [Law Commons](#), [Social Work Commons](#), and the [Women's Studies Commons](#)

Let us know how access to this document benefits you

SOURCE Citation

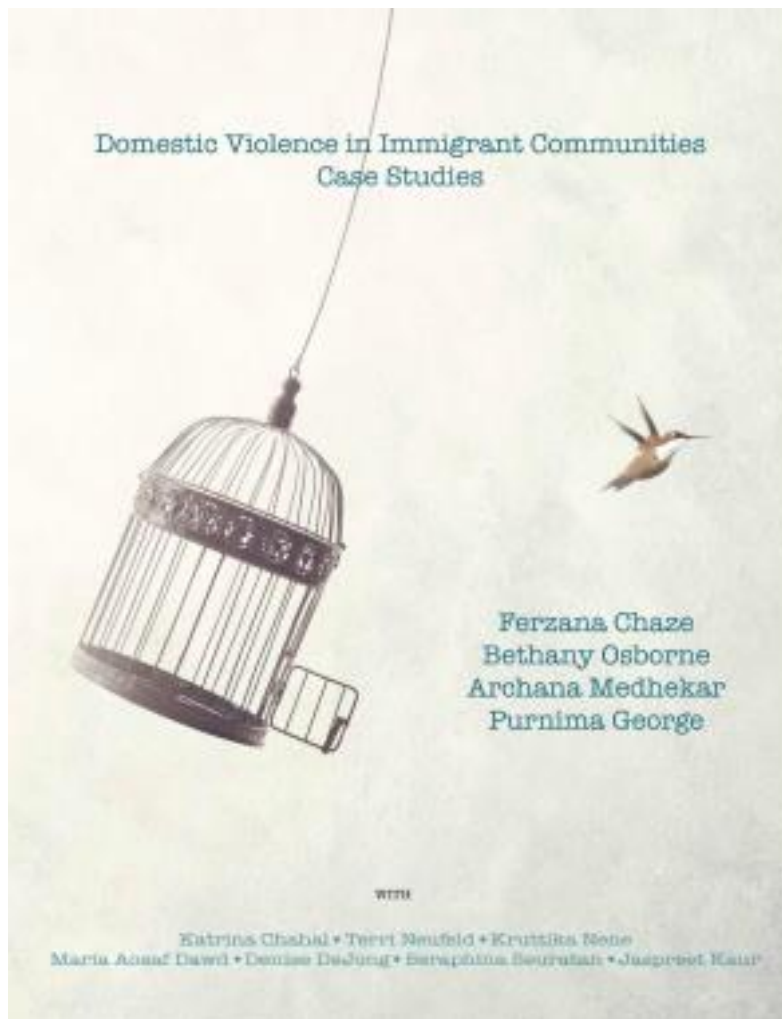
Chaze, Ferzana; Osborne, Bethany; Medhekar, Archana; and George, Purnima, "Domestic Violence in Immigrant Communities: Case Studies (Brazilian Portuguese)" (2021). *Books*. 2.

https://source.sheridancollege.ca/dvic_book/2



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-No Derivative Works 4.0 License](#). This Book is brought to you for free and open access by the Domestic Violence in Immigrant Communities at SOURCE: Sheridan Institutional Repository. It has been accepted for inclusion in Books by an authorized administrator of SOURCE: Sheridan Institutional Repository. For more information, please contact source@sheridancollege.ca.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM COMUNIDADES DE IMIGRANTES: ESTUDO DE CASOS



Agradecimentos

Agradecemos a Leila Midori Takei (Graduada pelo Programa de Serviço Social, Sheridan College) pelos esforços em traduzir este livro para o Português/ Brasil para que esse se torne acessível à comunidade de língua portuguesa.

Agradecemos a Jules Leodoro (Estudante, Bacharelado em Escrita Criativa e Publicação, Sheridan College) pela revisão da presente tradução.

Introdução

Este documento contém partes do livro “Violência Doméstica nas Comunidades de Imigrantes: Estudo de Casos” (Domestic Violence in Immigrant Communities: Case Studies), de autoria de Dra. Ferzana Chaze, Dra. Bethany Osborne, Sra. Archana Medhekar e Dra. Purnima George, que foram traduzidas para que mais pessoas possam ter acesso ao conteúdo. O livro consiste em um recurso educacional acessível e gratuito que pode ser utilizado no treinamento de pessoas das áreas legal e de serviço social.

Os casos traduzidos no presente documento são histórias reais de mulheres imigrantes vítimas de violência doméstica no Canadá. Trata-se de casos legais arquivados, conduzidos pelo escritório de advocacia Archana Medhekar, que refletem histórias de mulheres imigrantes racializadas que sofreram violência doméstica no Canadá e que procuraram ajuda legal. A permissão para conduzir a presente pesquisa foi concedida pela Comissão de Ética em Pesquisa (Research Ethics Board) da Ryerson University e do Sheridan College em junho de 2019. Todos os casos apresentados neste trabalho aconteceram nos últimos dez anos e foram concluídos pelo menos um ano antes do início da pesquisa.

Além do estudo de casos, foram incluídas perguntas para serem discutidas com grupos comunitários sobre o tópico de violência doméstica. Esperamos que você ache essa ferramenta útil quando estiver engajado com suas comunidades no tópico em questão.

ESTUDO DE CASO NÚMERO 1: RAMANDEEP E AMAN

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Ramandeep	Aman
Idade no momento do matrimônio	22	24
Idade*	39	41
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Sikh	Sikh
Educação	Sem informação disponível	Sem informação disponível
Nível de Inglês	Limitado	Limitado
Emprego antes de imigrar	Nunca trabalhou fora de casa	Sem informação disponível
Emprego	Trabalho de meio-período como motorista de ônibus escolar	Empregado em serviço integral desde outubro de 1993
Categoria usada na imigração	Ramandeep imigrou ao Canadá com sua família antes de se casar	Classe familiar: Ramandeep patrocinou Aman pelo programa de patrocínio de cônjuge (<i>spousal sponsorship</i>).
Status de Imigração	Cidadania Canadense	Sem informação disponível
<p>Número de anos de casamento: 17</p> <p>Número de Filhos*:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hija: Guneet (14 anos; apresenta problemas de comportamento) - Hijo: Navdeep (11 anos; diagnosticado com TDAH e dificuldades de aprendizagem) 		

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migratória**

A cerimônia de casamento ocorreu na Índia, quando Ramandeep tinha vinte e dois anos, e Aman, vinte e quatro. O casal planejava viver no Canadá, e Ramandeep patrocinou Aman em seu processo de imigração pelo programa de patrocínio de cônjuge (*spousal sponsorship program*). Aman chegou ao Canadá seis meses depois do casamento. Há pouca informação sobre a história prévia do casal antes da imigração, a não ser de que o casamento foi acordado entre as famílias dos noivos.

• **Estabelecimento no Canadá**

Quando Aman chegou ao Canadá, o casal foi morar com o pai de Ramandeep enquanto o casal economizava para comprar a primeira casa. Desde a chegada de Aman, ficou claro para Ramandeep que a vida com o marido seria difícil. Desde a primeira semana, Aman começou a beber todos os dias, perturbando Ramandeep e os vizinhos, pedindo que o levassem para comprar bebida. Aman encontrou trabalho em seu primeiro mês no Canadá. No início do casamento, Ramandeep trabalhava fora de casa, porém, poucos meses depois, sofreu um acidente e teve de parar de trabalhar. Aman pressionava Ramandeep a formar logo uma família, e tornou-se verbalmente abusivo quando ela demorou a conceber. Três anos após chegar ao Canadá, Aman foi condenado por dirigir embriagado e perdeu a licença para dirigir por um tempo. Os abusos verbais e o consumo de álcool por parte de Aman continuaram durante todo o período em que estiveram casados.

Em quatro anos de casamento, depois do nascimento da primeira filha, os abusos emocionais e verbais aumentaram, e tornaram-se físicos. Aman golpeava Ramandeep sistematicamente e a obrigava a manter relações sexuais com ele quando bebia. Ela não contou a ninguém sobre os abusos, na esperança de salvar seu casamento. Com alguma ajuda financeira do pai de Ramandeep, o casal logo comprou uma casa modesta. Ramandeep passou a viver no porão e a dormir separada do marido, com sua bebê, (vivendo no porão e), realizando as tarefas domésticas e cuidando da criança. Recebia demandas diárias de sexo e se não as cumpria, apanhava do companheiro. Quando a filha estava com quatro anos, Ramandeep engravidou novamente. Aman pressionou Ramandeep a fazer um aborto, mas ela se recusou. O filho nasceu com vários problemas de saúde. Ramandeep passou a trabalhar nos finais de semana para sustentar a família que crescia. Desde o início, os recursos financeiros não eram

compartilhados igualmente. Por exemplo, Ramandeep era a única responsável pelos gastos adicionais relacionados às crianças, principalmente despesas médicas relacionadas com o cuidado do filho, enquanto Aman detinha uma propriedade na Índia e enviava dinheiro regularmente a seus irmãos para ajudá-los no sustento.

• **Violência Doméstica**

Ao longo dos anos de casamento de Ramandeep, os abusos passaram de verbais a físicos e sexuais. Durante esse tempo, Ramandeep tinha pouco apoio informal e dedicava grande parte de seu tempo e energia para cuidar de seus filhos. Estava casada há 14 anos na primeira vez que chamou a polícia em sua casa, em fevereiro de 2006. Aman estava muito intoxicado e exigira as chaves do carro. Quando Ramandeep se negou a entregá-las, Aman a agarrara pelos cabelos, jogara-a no chão e a golpeara repetidamente. Os filhos testemunharam a agressão. Ramandeep fugiu de casa e chamou o 911. A polícia foi à residência do casal, e Aman foi acusado de agressão e retirado do imóvel. Posteriormente, foi condenado e proibido de ter contato com Ramandeep durante um ano. A polícia denunciou o incidente ao *CAS (Children's Aid Society-Sociedade de Apoio às Crianças, equivalente ao Conselho Tutelar)*. Ramandeep permaneceu na casa do casal com os filhos. Após estar separado por um ano, ter se desculpado e auxiliado financeiramente a família, Aman voltou para a casa, mas Ramandeep não concordou em compartilhar o quarto. Pouco depois de voltar, Aman disse a Ramandeep que gostaria de mandar o filho de 6 anos para morar com seus pais na Índia. Ramandeep aceitou relutante, e o filho foi mandado para Índia por dois anos. Os abusos verbais e físicos continuaram, e Aman exigia sexo diariamente. O menino voltou ao Canadá dois anos depois, em maio de 2009. A essa altura, os dois filhos haviam testemunhado tanta violência ao longo dos anos que tinham medo do pai e se escondiam dele. Em maio de 2009, a polícia foi chamada mais uma vez. Dessa vez, nenhuma acusação foi feita, mas o *CAS* foi informado.



Em dezembro de 2009, depois desse incidente, a polícia foi novamente chamada depois que Ramandeep, agora com 39 anos, foi golpeada repetidamente por Aman com o punho cerrado. Ela acabou com as bochechas feridas por não ter preparado o jantar. Os filhos estavam presentes e, a pedido da mãe, ligaram para o 911. Aman foi retirado da casa, condenado por agressão, declarado culpado pela Corte Criminal, e proibido de fazer contato com Ramandeep pelo um período de um ano a partir de dezembro de 2010. Aman burlou a proibição e, a partir de abril de 2011, ligava para Ramandeep maltratando-a verbalmente quando estava embriagado.

Pouco depois do último incidente, Ramandeep pediu ajuda a um advogado. Como temia por sua segurança, solicitou uma ordem de restrição ao Tribunal de Família. Solicitou também um pedido de não-remoção para seus filhos (uma ordem judicial que impede um ou ambos os pais de levar a criança para além de uma determinada cidade ou região), pois temia que Aman tentasse levá-los para fora do país. Ramandeep solicitou a custódia total de seus filhos, já que era ela quem atendia a praticamente todas as necessidades das crianças. Estava de acordo, e foi encorajada, que os filhos passassem algum tempo com o pai, com a condição de que este não bebesse ou fumasse na presença das crianças. Ramandeep solicitou uma pensão alimentícia retroativa desde o momento da separação, baseada na renda atual de Aman, segundo as *Federal Child Support Guidelines* (Diretrizes Federais de Suporte à Criança). Ao longo do processo judicial, Aman não foi sincero sobre todos os seus ativos (por exemplo, propriedades, plano de previdência e seguros). Ramandeep foi deixada em uma situação de vulnerabilidade econômica porque se endividou para custear as necessidades dos filhos. Havia

conflitos esporádicos entre as crianças e, em uma ocasião, o filho foi retirado de casa pelo CAS, retornando aos cuidados da mãe posteriormente.

- **Resolução**

Depois de três anos de litígio, Ramandeep obteve a custódia total dos filhos e Aman foi obrigado a pagar pensão alimentícia. A casa do casal foi vendida e a renda foi dividida igualmente entre as partes. Aman pagou as pensões alimentícias atrasadas com parte de sua renda. Ramandeep concedeu direitos de visita limitada aos filhos a Aman, acreditando que uma relação pai-filho seria benéfica às crianças, mas Aman rejeitou os filhos e não os visitou. O motivo alegado foram problemas de comportamento do filho, que está recebendo aconselhamento, em parte, para lidar com a rejeição do pai.

- **Referências de mídia**

- Image of spider's web é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 2: ZAKIA E WASIM

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Zakia	Wasim
Idade no momento do matrimônio	18	19
Idade*	23	24
País de Origem	Afeganistão	Afeganistão. Wasim tinha status de refugiado na Índia antes de se mudar para o Canadá.
Religião	Muçulmana	Muçulmana de nascimento. Converteu-se ao cristianismo.
Educação	Completo o 11º ano no Afeganistão. Fez alguns cursos adicionais na Índia.	Completo o 12º ano na Índia.
Nível de Inglês	Limitado	Limitado
Emprego antes de imigrar	Sem informação disponível	Sem informação disponível
Emprego	Emprego em vendas	Emprego em vendas
Categoria usada na imigração	Categoria de refugiado convencional - Programa de patrocínio comunitário (2016)	Categoria de refugiado convencional - Programa de patrocínio comunitário (2016)
Status de Imigração	Residente Permanente	Residente Permanente

Número de anos de casamento: 5

Número de Filhos*:

- Filha: Abida (1 ano)

*No momento da aplicação na Corte de Família (*Family Court*).

• História Pré-Migração

Zakia casou-se com Wasim na Índia em janeiro de 2012, aos 18 anos de idade. Tanto Zakia como Wasim moravam com os pais dele sob os status de refugiados na Índia, e possuíam o *UNHCR Blue Card*, um cartão de identidade que permite fixar residência, registrar nascimentos, casamentos e mortes, trabalhar, ter acesso a saúde entre outros benefícios sociais. Embora os dois tivessem nascido em uma família muçulmana, Wasim converteu-se ao cristianismo enquanto morava na Índia como refugiado. No momento do matrimônio, converteu-se novamente ao Islã para se casar com Zakia. Era o primeiro casamento de ambos, e Zakia acreditou ser por amor. Na Índia, tanto Zakia quanto Wasim trabalhavam em empregos de subsistência mal remunerados. No dia seguinte ao matrimônio, a sogra de Zakia, que era advogada, convenceu-a a assinar um contrato que estabelecia que, em caso de divórcio, Zakia não receberia nenhuma compensação. Uma semana depois do casamento, Wasim traiu Zakia; esse comportamento continuou durante todo o período em que estiveram casados.

Aos quatro anos de casamento, Wasim contou a Zakia que se convertera mais uma vez ao cristianismo. A família de Wasim maltratava Zakia continuamente, insultando sua família e o Islã. O sogro de Zakia jogava fora seus objetos religiosos, chamando-os de “besteiras”. Além disso, Wasim a agredia fisicamente; em um momento, agarrou seu pescoço e deu-lhe um soco na boca, o que resultou em um inchaço que a impediu de se alimentar por uma semana. Zakia passou a sofrer abusos físicos frequentes nas mãos de Wasim. Em uma ocasião, queixou-se às autoridades, porém foi informada de que sua aplicação para o status de refugiada poderia se comprometer caso fizesse uma queixa formal. Ela não levou o caso adiante.

Zakia tinha de entregar todos os seus ganhos à família de Wasim para pagar pelo aluguel e pela comida. Depois de algum tempo, ela insistiu em guardar parte de seu dinheiro, o que deixou a família irritada, deteriorando a situação.

Zakia engravidou três vezes. Em cada vez, via-se obrigada a descontinuar a gestação, pois a família de Wasim alegava que ter filhos seria muito custoso. Como não tinha opção, ela submetia-se ao aborto e sofria a dor e a perda.

Antes do casamento, a família de Wasim prometeu a Zakia que ela poderia voltar à escola para concluir seus estudos. Depois do casamento, eles a desencorajaram dizendo que seria muito caro e que ela estaria rodeada de rapazes. Apesar disso, ela retornou e teve de repetir o 10º ano na Índia, pois o 11º ano que ela fez no Afeganistão não foi reconhecido. Por fim, ela não pode concluir o 12º ano pois ela, o marido e a família dele se mudaram para o Canadá.

• Estabelecimento no Canadá

Zakia, Wasim e sua família estendida chegaram ao Canadá em 26 de outubro de 2016 como residentes permanentes (*Permanent Residents*). Eles se mudaram para o país como refugiados com patrocínio privado (*Privately Sponsored Refugees*), na classe de refugiados convencionais (*Convention Refugee*) no estrangeiro. Zakia e Wasim moravam com os pais de dele e seus dois irmãos. O casal encontrou emprego na mesma companhia, e Wasim passou a trair frequentemente a esposa com várias de suas colegas de trabalho. Wasim e sua família continuavam tomando dinheiro de Zakia e controlando sua vida cotidiana, incluindo suas roupas, alimentação e amizades. Em novembro de 2016, Zakia descobriu que estava grávida. A família a pressionou a abortar novamente, porém ela se negou a fazê-lo. Teve de arcar com o enxoval da criança sozinha e pagar por todas as despesas da maternidade.

• Violência Doméstica

Além de não poder praticar sua religião, Zakia sofria abandono e abusos físicos, emocionais e financeiros. As diferenças religiosas entre Zakia e a família de Wasim eram o grande ponto de discórdia. Ela tinha de pagar para os sogros caso participasse de passeios com eles e não podia enviar dinheiro para sua família na Índia. Além disso, não podia escolher seus próprios amigos. A família de Wasim vigiava de perto a comida que comia, os lugares que frequentava, e as roupas que vestia. Ela não pode continuar com os estudos. Em uma tarde de inverno, aos 4 meses de gravidez, Zakia disse ao marido que precisavam fazer compras. Ele a acompanhou ao supermercado e a abandonou lá, forçando-a a voltar a pé em uma temperatura de 27º Celsius negativos. Quando ela finalmente chegou em casa, às 10:30 da noite, descobriu que Wasim e sua família já haviam comido, sem deixar nada para ela. Ela cumprimentou a família e foi para cozinha preparar algo. A família começou a gritar por ela não os ter cumprimentado. Ela disse que os havia cumprimentado, mas estava com fome, cansada e queria comer algo. O sogro a chamou de “muçulmana maldita”, insultando sua família e sua

religião, disse que a casa era deles, e não dela, e exigiu que ela saísse.



Zakia levou o sogro a sério devido à natureza violenta demonstrada pela família ao longo dos anos. Algumas semanas antes, ela havia visto o primo de Wasim agredindo a irmã, que precisou de atendimento médico. Zakia decidiu se mudar para proteger ela e o bebê, ainda em seu ventre. Ela saiu depressa, no meio da noite, em pleno inverno, assustada e decidida a não voltar. Tinha apenas 20 dólares em dinheiro, e o cartão de crédito. Pegou um Uber e foi ao Holiday Inn, onde passou a noite. No dia seguinte, no seu ambiente de trabalho, recebeu uma mensagem do marido dizendo que ele não a considerava mais sua esposa. Wasim pediu o divórcio usando a palavra "talak" três vezes, o que constitui em divórcio segundo a lei islâmica. Eles se separaram naquele dia e o marido disse que enviaria os papéis do divórcio. Os colegas de trabalho de Zakia aconselharam-na a ligar para o 911, e ela o fez. A polícia colheu os dados iniciais e a encaminhou para um albergue. Pouco depois, Zakia revelou os abusos para uma enfermeira de saúde pública que a encaminhou para o *Children's Aid Society* (CAS – Sociedade de Apoio às Crianças) por causa de sua preocupação com o bem-estar do bebê ainda no ventre.

Zakia e Wasim continuaram a se ver no trabalho, porém não interagiam. Zakia teve de parar de trabalhar antes do previsto por recomendação da parteira, devido a seu estado delicado de saúde. Wasim nunca falou com ela ou perguntou por sua saúde ou do bebê. Zakia deu à luz a uma menina por uma cesariana de urgência.

Wasim a visitou apenas uma vez depois do parto, trazendo seus colegas com ele.

- **Resolução**

Foi concedida a custódia total da filha a Zakia que, atualmente, mora em uma residência do governo. Wasim pode visitar a filha, porém, as retiradas e devoluções precisam ser organizadas em comum acordo através de terceiros. Wasim tem pagado mensalmente a pensão alimentícia à filha, porém, não a tem visto ou tido qualquer contato com ela desde fevereiro de 2019. Zakia matriculou-se em uma escola para completar o estudo secundário.

- **Referências de mídia**

- Image of a woman walking in a tunnel towards glaring light. é licenciada sob a CC0 (Creative Commons Zero) licence.

ESTUDO DE CASO NÚMERO 3: MIREMBA E JAMES

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Miremba	James
Idade no momento do matrimônio	25	37
Idade*	32	44
País de Origem	Uganda	Uganda. Viveu e trabalhou no Canadá
Religião	Cristã	Cristã
Educação	Escola Secundária	Diploma em Gerência da Cadeia de Suprimentos
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Estudante	Sem informação disponível
Emprego	Desempregada	Trabalho em tempo integral como supervisor em uma grande cadeia de supermercados
Categoria usada na imigração	Classe Familiar: James patrocinou sua esposa Miremba (programa de patrocínio de cônjuge em 2006)	Sem informação disponível
Status de imigração	Residente Permanente/ cidadã	Residente Permanente/ cidadão.

Número de anos de casamento: 6

Filhos*:

- Filha: Dembe (6 anos)

- Filho: Noah (3 anos)

- No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migração**

Miremba morava e estudava em Uganda quando conheceu James, através de um familiar. James estava visitando o país na época, vindo do Canadá. Miremba e James casaram-se em Uganda em 10 de junho de 2005. Foi o primeiro casamento para ambos. Apenas depois de se casar, Miremba descobriu que James tinha um filho de uma relação anterior. James tinha um trabalho bem remunerado em período integral como supervisor em uma grande cadeia de supermercados, e patrocinou Miremba para imigrar ao Canadá. Ela chegou em março de 2006, nove meses depois de seu casamento. Mudou-se para a casa de James, de três dormitórios, em uma grande cidade no Canadá.

• **Estabelecimento no Canadá**

Imediatamente após chegar ao Canadá, a vida de Miremba viu-se afetada pelos amigos de James, e por seu hábito de beber e ir a festas. Ele frequentava casas noturnas e trazia amigos que permaneciam em sua casa até altas horas da madrugada. Miremba engravidou alguns meses depois de chegar ao país e teve sua filha menos de um ano de sua chegada. Quando ela pediu dinheiro para comprar roupas de gestante, o marido negou, e ela se viu obrigada a usar suas roupas habituais com zíperes e botões abertos durante toda a gestação.

• **Violência Doméstica**

A relação foi abusiva durante os seis anos de casamento. Mesmo após o nascimento da filha, James continuou a trazer amigos para beber e festejar. Em mais de uma ocasião, os vizinhos chamaram a polícia, reclamando de música alta e (de) brigas. A polícia nunca pôde prender os amigos de James, pois eles fugiam antes da chegada dos agentes. Nos finais de semana, Miremba tinha de limpar a casa depois das festas. Além disso, James costumava (tinha o hábito de) ter pessoas morando por um tempo em sua casa, alguns como inquilinos.

Quando Miremba começou a trabalhar meio-período em um brechó e precisou que James cuidasse da filha, ele geralmente era negligente. Deixava a menina na casa de seu primo ou com o inquilino em sua casa. Certa vez, quando sua filha estava com um ano, Miremba chegou em

casa e percebeu que os braços e pernas de sua filha estavam muito inchados. Ela a levou rapidamente ao hospital, onde a criança ficou internada por uma semana. James negou-se a ajudar, alegando ser responsabilidade da esposa. Durante o tempo em que a filha esteve sob cuidados médicos, James não se ausentou do trabalho, enquanto Miremba ficou afastada de suas atividades por duas semanas para cuidar da criança, e recebeu ajuda do primo de James para cuidar da menina durante sua recuperação. Na hora de decidir ter mais filhos, Miremba e James tinham longas discussões em relação ao comportamento de James, que concordou em mudar. Quando Miremba engravidou de seu filho, James se alegrou, mas, alguns dias depois, trouxe uma mulher para ficar com eles e Miremba os pegou bebendo juntos. Miremba chamou o primo de James e pediu para que ele conversasse com o marido sobre seu comportamento.

Três anos depois de chegar ao Canadá, Miremba foi ao funeral de uma mulher de sua comunidade que havia sido assassinada pelo marido. Quando voltou para casa,



James estava bebendo com amigos e gritando com a televisão. Um dos amigos dele aproximou-se de Miremba e a ameaçou, dizendo que ela deveria aprender uma lição como a mulher que havia sido assassinada. Miremba assustou-se e pediu que James interviesse. O amigo continuou com as ameaças, dizendo que, apesar de ela não gostar dele, ele iria continuar frequentando a casa todos os dias. Muitos dos amigos de James tinham antecedentes criminais e eram procurados pela polícia, e Miremba temia por sua segurança. Nessa época, James começou a ter um relacionamento extraconjugal. Uma vez, ele levou a namorada a um concerto ugandês em sua comunidade, e Miremba ficou muito envergonhada.

Quando o filho de Miremba nasceu, em dezembro de 2009, James não dedicou nenhum momento para ajudá-la. Continuou a festejar e a beber em excesso enquanto ela fazia as tarefas domésticas e cuidava das duas crianças. Quando ele ajudava, era irresponsável. Em uma

ocasião, levou o bebê ao parque enquanto bebia cerveja e perdeu seu carrinho.

James não ajudava Miremba financeiramente, e ela tinha de batalhar para pagar as contas. Ela juntou fundos (de um amigo e um inquilino) para fazer um curso de cuidadora pessoal (*Personal Support Worker*) para melhorar a situação financeira da família. James não sustentava mais a família (não tinha dinheiro para comida ou fraldas), já que seu emprego era esporádico.



Em 2011, foi oferecido a Miremba um trabalho de meio-período como cuidadora pessoal. O trabalho era no turno da noite. James se ofereceu a trocar seu turno da noite e trabalhar de dia para acomodar o trabalho da esposa. Na semana em que ela começou o trabalho, James voltou ao turno noturno. Ele deixaria as crianças com seu primo e Miremba os pegaria às 23:30h. Isso afetou a filha, que estava sempre cansada e sonolenta na escola.

Em 2011, após seis anos de casamento, James foi preso por agredir sua namorada em uma festa. Nessa época, ele disse a Miremba que queria se separar. Ela perguntou se o marido gostaria de fazer terapia, mas ele se recusou. James forçou Miremba a assinar papéis, que depois ela descobriu serem de um refinanciamento da casa. Organizou-se uma reunião em que o pastor da comunidade e a esposa foram testemunhas oficiais da separação de Miremba e James. No início de 2012, Miremba e os filhos foram morar em um abrigo. Viram-se obrigados a abandonar a casa da família, já que James planejava voltar para o Uganda e vender a casa. Embora Miremba tivesse ligado para James para informar-lhe da mudança, a polícia ligou para o abrigo para confirmar se ela estava morando lá pois James havia aberto

uma queixa de desaparecimento para Miremba e as crianças.

- **Resolução**

Seguiu-se uma longa batalha judicial que durou seis anos. James não queria sustentar Miremba e os filhos. A sentença final concedeu custódia total a Miremba, e acesso às crianças a James. Miremba conseguiu uma ordem de restrição (*restraining order*), exceto para fins de acesso a visitas. A previdência privada de James foi dividida. A casa do casal foi vendida e Miremba recebeu sua parte da venda. Miremba vive com seus filhos em uma casa modesta e trabalha como cuidadora pessoal em um hospital. Miremba deseja comprar uma casa no Canadá no futuro.

- **Referências de Mídia**

Image of bottles and glasses of alcoholic drinks é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

Image of a broken glass é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 4: SONALI E RAVI

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Sonali	Ravi
Idade no momento do matrimônio	27	29
Idade*	31	33
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Hindu	Hindu
Educação	Mestrado e MBA na Índia	Sem informação disponível
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Estagiária como executiva de Recursos Humanos	Acionista e único diretor de uma empresa de fretes
Emprego	Trabalho de meio-período em uma farmácia desde 18.03.2016	Acionista e único diretor de uma empresa de fretes
Categoria usada para a imigração	Classe Familiar. Ravi patrocinou Sonali pelo programa de patrocínio de cônjuge programa de 2 anos condicionado ao programa de PR (2015)	Sem informação disponível
Status de Imigração	Residente Permanente	Cidadão

Número de anos de casamento: 4

Número de filhos*: Nenhum

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

- **História Pré-Migração**

Sonali tinha vinte e sete anos e Ravi, vinte e nove quando se casaram. Na época do matrimônio, Sonali vivia na Índia. Ravi, cidadão canadense, morava em uma grande cidade em Ontário e trabalhava em período integral em uma indústria automobilística. Além do emprego, Ravi tinha uma empresa de frete. O casamento arranjado ocorreu na Índia em outubro de 2013 e foi o primeiro casamento para ambos. Sonali continuou morando na Índia, por dois anos, após o matrimônio, pois Ravi demorou para dar entrada na aplicação para o Programa de Patrocínio de Cônjuge (*Spousal Sponsorship Program*) que permitiria a imigração da esposa para o Canadá. Sonali chegou ao país em outubro de 2015, como residente permanente condicional (*Conditional Permanent Resident*).

- **Estabelecimento no Canadá**

Quando Sonali chegou ao Canadá, foi morar com Ravi, seus pais e suas irmãs em uma casa em que eram coproprietários Ravi, seu pai e suas irmãs. Durante esse período, a família de Ravi abusou verbalmente de Sonali. Além disso, a sogra interferia indevidamente na vida do casal, não respeitando sua privacidade. Por exemplo, a sogra costumava entrar no quarto do casal e dormir no meio deles. Em uma ocasião, ela entrou no banheiro sem bater enquanto o casal tomava banho junto.

- **Violência Doméstica**

Sonali sofria violência tanto por parte de Ravi quanto dos sogros. Sua sogra a maltratava física e verbalmente. Uma vez, quando Sonali falava ao telefone com sua mãe na Índia, a sogra escutava a conversa pela extensão. Quando Sonali a confrontou, a sogra zangou-se e a esbofeteou. Ela começou a chorar e ligou para Ravi no trabalho; ele chegou em casa e levou a esposa para seu escritório.

Depois desse incidente, Sonali passou a ir ao escritório de Ravi todos os dias porque não

queria ficar sozinha com a sogra. Em um dado momento, a sogra e as cunhadas deixaram de falar com Sonali.

Em um dia de inverno, quando Sonali estava no carro com Ravi, este começou a discutir com ela, batendo a mão no volante e gritando. Ele a mandou sair do carro e a deixou na rua. Ela pediu ajuda a um casal (que passava), e foi levada a um posto policial. A polícia levou Sonali para casa como parte da investigação. Os agentes conversaram com a sogra, que disse não ter problemas com a nora que morava com eles, porém os policiais deram a Sonali a opção de ir a um abrigo. Ela não queria se separar do marido e decidiu ir ao escritório de Ravi. Ela acabou voltando para casa depois.

A tensão continuou aumentando e houve outra discussão entre Sonali e a sogra. Sonali saiu de casa por um instante e a sogra a trancou do lado de fora. Sonali e Ravi saíram de casa após o incidente. Depois de conseguir permissão do empregador de Ravi, o casal ficou no escritório por três noites. Eles não tinham outra muda de roupas, e fizeram as refeições em um templo local. Por fim, o chefe de Ravi os levou para sua casa e deixou que usassem os cômodos. Ele os aconselhou a se mudarem por conta própria para recomeçar a vida.

Naquele mesmo inverno (março de 2016), Sonali e Ravi mudaram-se para um apartamento que Ravi possuía. Ele o havia comprado antes do casamento e o mantinha alugado como fonte de renda.

Sonali começou a trabalhar meio-período em uma grande cadeia de farmácias, já que nunca recebia dinheiro de Ravi. O marido sugeriu a ela que comprasse, com seu dinheiro, alguns itens para o apartamento (cama, colchão, televisão, etc.). Sonali chegou ao Canadá com pouco dinheiro, que acabou, e passou a receber esporadicamente dinheiro de sua mãe da Índia. O marido também disse a Sonali que ela seria responsável pelas compras e pelas suas contas de celular.

Sonali sofria abusos verbais, físicos, financeiros e sexuais nas mãos do marido, que era imprevisível e tinha mudanças intensas de humor, zangando-se por motivos que não lhe eram claros.

Ravi passou a beber em excesso e a mostrar comportamentos estranhos como, por exemplo, rodar com Sonali pela cidade, deixá-la em um lugar qualquer e reportar seu desaparecimento à polícia em seguida. Em várias ocasiões, Sonali era agredida fisicamente pelo marido. Na primavera de 2016, depois de sofrer uma agressão que resultou em um hematoma no braço, Sonali procurou atendimento e revelou à médica de família que estava sofrendo abusos. O médico a aconselhou a denunciar as agressões à polícia e a ir a um abrigo, porém ela se recusou, dizendo que queria tentar salvar seu



casamento. Passado algum tempo, Ravi agrediu a esposa de novo, levando a um sangramento em seu braço. Ele a acompanhou ao hospital e obrigou a esposa a dizer que havia se cortado lavando os pratos. Ela precisou levar pontos.

O comportamento de Ravi era errático; ele fazia e falava coisas horríveis, e depois pedia desculpas. Durante uma ida ao centro comercial, abandonou a mulher e dirigiu-se a um policial que estava por perto dizendo que ela era mentalmente instável, com tendências suicidas e que suas lacerações eram autoprovocadas. Sonali falou com os policiais e explicou a situação. Os agentes perguntaram a Sonali se deveriam prender o marido e denunciá-lo, mas ela respondeu “não”. Os policiais deixaram Sonali no apartamento. Durante esse tempo, Ravi ficou com suas irmãs por algumas noites e depois voltou para casa.

Em janeiro de 2017, o casal viajou para a Índia para assistir a um casamento e visitar a família. No casamento, Ravi ficou bastante embriagado e insultou a esposa na frente de todos os familiares. Enquanto visitavam um país vizinho, durante um passeio Ravi zangou-se e tomou o passaporte de Sonali, dizendo que ela não voltaria para sua casa no Canadá. Depois,

retornou para onde estavam hospedados e fingiu que nada tinha acontecido. Sonali estava ficando cada vez mais assustada com o comportamento errático do marido.

Ao voltar ao Canadá, Ravi foi demitido do trabalho. Pouco depois, voltou a agredir Sonali, porém, desta vez, ela chamou o 911. Ravi foi acusado criminalmente por três casos de agressão. Foi liberado sob fiança na condição de não ter contato, direto ou indireto, com a esposa ou frequentar a casa do casal. Entretanto, a sogra tentou contato com a nora frequentemente, buscando uma reconciliação. Ravi foi ao Tribunal Penal, em maio de 2018, onde se declarou culpado de todas as acusações. Sonali temia por sua vida e solicitou uma ordem de restrição (*restraining order*). Como resultado dos abusos, Sonali desenvolveu ansiedade, altos níveis de estresse e dificuldades de concentração. Tem problemas em confiar nos outros e construir relacionamentos. Sofre também de dores de cabeça que impactam seu desempenho diário.

Durante o processo de separação, Ravi não revelou sua situação econômica completa. Omitiu o fato de trabalhar por conta própria, já que não queria que esses proventos fossem computados para efeito de pensão alimentícia para a cônjuge. Antes do casamento, ele havia contraído dívidas elevadas que não conseguia pagar. Tinha uma proposta de consumo (*consumer proposal*- refinanciamento de dívida), que adquiriu em janeiro de 2013, e que foi pagando ao longo de seu casamento. Sonali descobriu esses problemas financeiros no momento da separação.

• Resolução

O apartamento foi vendido e, após pagar toda a hipoteca e impostos, Sonali obteve um acordo de liquidação da soma total. Ela está a salvo, recebendo uma importante indenização econômica e uma ordem de restrição (*restraining order*) do Tribunal de Família. Ravi e Sonali acabaram se divorciando. Atualmente, ela tem dois empregos e é economicamente auto suficiente. É proprietária de um apartamento, que pôde comprar, em parte, com ajuda de sua família na Índia.

• Referências de mídia

[Image of a sad woman hugging herself](#) é licenciado sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 5: GAGANDEEP E KULDIP

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Gagandeep	Kuldip
Idade no momento do matrimônio	25	35
Idade*	27	37
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Sikh	Sikh
Educação	Escola Secundária	Escola Secundária
Nível de Inglês	Limitado	Limitado
Emprego antes de imigrar	Sem informação disponível	Empregado no setor de construção civil na Itália
Emprego	Trabalhadora em meio-período em um restaurante de fast food	Empregado em tempo integral na área de construção civil
Categoria usada para imigração	Gagandeep imigrou ao Canadá com sua família em 2005	Clase familiar: Gagandeep patrocinou Kuldip pelo programa de patrocínio de cônjuge em 2009
Status de Imigração	Cidadã	Residente Permanente

Número de anos de casamento: 2

Número de filhos*:

Filho: Ravi (11 meses de idade; nasceu com vários problemas de saúde e foi submetido a uma cirurgia de grande porte quando era um bebê. Requer medicamentos e cuidados contínuos).

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

- **História Pré-Migração**

Gagandeep imigrou para o Canadá em 2005 com seus pais e casou-se com Kuldip em 2008. O casamento foi arranjado. Os pais de Gagandeep e Kuldip fizeram contato através de um anúncio matrimonial publicado em um jornal local, e o casamento aconteceu no mês seguinte, segundo a tradição Sikh. Antes do casamento, Kuldip morava na Itália, trabalhando no setor de construção civil, enquanto sua mãe e irmã moravam no Canadá.

- **Estabelecimento no Canadá**

Depois do casamento, Kuldip morou no Canadá com um visto de turista; Gagandeep mudou-se para juntar-se a ele e morar com sua família estendida. Gagandeep patrocinou a imigração de Kuldip pelo programa de patrocínio de cônjuge (*Spousal Sponsorship Program*) e pouco mais de um ano depois, Kuldip recebeu seu status de imigrante residente (*Landed Immigrant*). Durante os primeiros meses de seu casamento, sua vida cotidiana transcorreu sem incidentes. Gagandeep trabalhava em período integral em um restaurante e, Kuldip, no setor de construção civil. Entretanto, Gagandeep ficou grávida pouco depois do casamento, e seu filho nasceu em janeiro de 2009.

- **Violência Doméstica**

Em menos de um ano de casamento, a relação mudou com o nascimento do filho de Gagandeep, piorando quando Kuldip recebeu seu status de residente permanente. Logo após Gagandeep submeter-se a uma cesariana, Kuldip foi para cima dela, exigindo sexo. Suas ações levaram-na a precisar de cuidados médicos.

Em abril de 2009, quando Kuldip recebeu seu novo status de imigrante, começou a abusar de Gagandeep e do bebê, verbal e fisicamente. O casal tinha uma conta conjunta da qual Kuldip começou a fazer saques. Ao mesmo tempo, abriu uma nova conta bancária em seu nome. Kuldip acusava Gagandeep de ser desrespeitosa com sua mãe, batendo nela para castigá-la e mandando que ela saísse de casa com o bebê. Seu filho tinha vários problemas de saúde e teve de ser operado aos três meses de idade. Kuldip não participou das consultas médicas de acompanhamento.

A violência foi aumentando.

Em abril de 2009, houve um incidente no qual Kuldip esbofeteou Gagandeep com tanta força que ela desabou no chão. Ele a puxou pelo cabelo, deu-lhe um soco na cabeça e a empurrou contra a parede, chutando seu estômago e costas.

Em junho de 2010, Kuldip, que havia saído para beber, chegou em casa e exigiu sexo da esposa. Ela disse que



concederia sexo depois de colocar o bebê para dormir. Kuldip tornou-se violento, golpeando-a e forçando-se sobre ela enquanto ainda segurava a criança. Gagandeep desmaiou. Quando recuperou a consciência, recorreu à sogra para pedir ajuda, que lhe foi negada. O bebê sofreu traumas durante o incidente e teve febre.

No dia seguinte, Gagandeep levou o filho a um médico, que notou as marcas na face dela, consequência direta dos maus tratos que havia sofrido na noite anterior. Gagandeep não revelou ao médico a verdadeira razão das marcas. No mesmo dia, Kuldip revelou o que acontecera a seu primo, que o aconselhou a não mais bater ou forçar sexo com a esposa. Na mesma época, Gagandeep foi morar na casa do primo junto com o bebê por alguns dias. Kuldip foi à casa do primo, pediu desculpas a Gagandeep, dizendo que não a agrediria de novo, e ela resolveu voltar para casa com o marido.

Kuldip não cumpriu sua palavra e os abusos foram crescendo. As agressões e o sexo forçado continuaram, muitas vezes enquanto Gagandeep carregava o bebê em seu colo. A raiva de Kuldip pelo bebê também aumentou. Uma noite, quando o menino estava com 18 meses de idade, Kuldip falou para ele parar de brincar com seus brinquedos. Como o menino continuou brincando, Kuldip deu-lhe uma bofetada no rosto, golpeando também Gagandeep quando esta tentou proteger a criança. Pouco depois, Gagandeep procurou seus pais e contou-lhes sobre os abusos. Eles pediram que a filha tentasse salvar seu casamento.

O último incidente ocorreu quando Kuldip voltou para casa tarde da noite, embriagado, gritando obscenidades que feriram Gagandeep e insultando seus pais. Gagandeep enfrentou Kuldip, que bateu a cabeça da esposa contra a cabeceira e tentou asfixiá-la, dizendo que iria matá-la. Gagandeep conseguiu pegar o telefone e ligar para o 911. Kuldip agarrou o telefone e o quebrou, porém a polícia já estava a caminho. Nesse momento, a sogra de Gagandeep entrou na casa, impedindo a saída de Gagandeep e falando para seu filho matá-la. Ela dizia que Kuldip não era mais necessária, já que o filho já tinha a residência permanente. A polícia chegou antes que Kuldip cumprisse o pedido da mãe.

A polícia tirou Kuldip da casa e o prendeu por agressão e ameaças. Gagandeep ficou na casa naquela noite, na presença da sogra, mudando-se para a casa dos pais no dia seguinte. Kuldip negociou uma fiança e foi posto em liberdade na condição de não ter contato com Gagandeep. Em novembro de 2010, depois de receber ajuda de conselheiros e de trabalhadores do serviço de apoio a vítimas, Gagandeep acusou Kuldip de agressão sexual e solicitou uma ordem de restrição (*restraining order*) contra ele junto ao Tribunal de Família.

• Resolução

Mais de três anos depois do incidente, Kuldip foi condenado pelo Tribunal Penal, recebendo liberdade condicional de 5 anos e ordem de não contatar Gagandeep durante dois anos. No Tribunal de Família, Gagandeep obteve a custódia total de seu filho. A Kuldip foi concedida visita supervisionada ao menino. Em 2016, Gagandeep e Kuldip se divorciaram. Gagandeep casou-se de novo e hoje vive com o novo marido e o filho. Trabalha em período integral e recebe ajuda dos pais para os cuidados da criança.

• Referências de mídia

[Image of knotted ropes](#) é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 6: NAMRATA E DINESH

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Namrata	Dinesh
Idade no momento do matrimônio	22	28
Idade*	35	42
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Jain	Jain
Educação	Mestrado em Comércio	Odontologia
Nível de inglês	Competente	Competente
Emprego antes de imigrar	Nenhum	Dentista, sócio de consultório dentário
Emprego	Desempregada	Dentista, consultório próprio
Categoria usada para imigrar	Classe Econômica	Classe econômica (aplicante principal)
Status de imigração	Cidadã	Cidadão

Número de anos de casamento: 12

Número de filhos*:

Filha: Indrani (12 anos de idade)

Filhos gêmeos: Ram e Shyam (6 anos de idade). Um dos meninos tem necessidades especiais desde o nascimento e problemas de saúde importantes desde que nasceu. Foi operado e requer muitos cuidados.

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migratória**

Namrata e Dinesh casaram-se na Índia, onde Dinesh trabalhava como dentista. Foi um casamento arranjado. Tanto os pais de Namrata quanto os de Dinesh moravam na Índia na época. Depois de morarem juntos no país durante menos de dois anos, Dinesh recebeu os papéis de imigração para ir ao Canadá. Ele se mudou para o Canadá, sem Namrata, já que ela estava grávida e não podia acompanhá-lo. A filha nasceu em outubro de 2001, dois meses depois da partida de Dinesh. Dinesh ficou decepcionado pois queria um menino; o irmão de Dinesh expressou seu descontentamento em relação à menina, pressionando uma xícara de café de metal quente no calcanhar da bebê quando tinha 10 meses de vida. Namrata viveu dezessete meses na Índia sem o marido, criando a filha sozinha. Falou pouco com o marido durante esse período. Namrata recebeu seus papéis de imigração em dezembro de 2002 e planejava reunir-se com Dinesh no mês seguinte, porém seu sogro perdeu seu passaporte e ela teve de solicitar um passaporte de emergência para poder viajar.

• **Estabelecimento no Canadá**

Namrata juntou-se a Dinesh no Canadá em janeiro de 2003 com sua filha, que já tinha 15 meses. Namrata era a principal cuidadora da filha e também se encarregava de todas as tarefas domésticas. Pouco depois da chegada de Namrata ao Canadá, Dinesh foi aceito em um curso universitário de Odontologia e começou a trabalhar para obter o título de dentista e poder exercer a profissão no país. Dinesh dedicou todo seu tempo à faculdade e passou muito pouco tempo com a família. Dois anos mais tarde, Dinesh obteve a habilitação para exercer a profissão e a família mudou-se para outra cidade no Canadá, onde ele trabalhou como sócio em uma clínica dentária. Namrata engravidou de gêmeos. Aos sete meses, sofreu complicações e foi transferida a um hospital. Dinesh estava muito ocupado na clínica dentária para apoiar a mulher. Depois do nascimento dos meninos, em julho de 2006, as coisas se complicaram em sua casa. Um dos meninos estava gravemente doente e foi transferido imediatamente para um hospital infantil para ser operado. Namrata estava se recuperando da cesariana e não podia acompanhar o filho ao hospital. Dinesh estava relutante em se ausentar do trabalho para cuidar do menino, porém concordou em fazê-lo. Um ano depois do nascimento, seu outro filho sofreu queimaduras de terceiro grau por causa de um chá quente que foi derramado em seu rosto quando era cuidado por uma babá. Foram necessárias várias consultas médicas e cuidados para os meninos nos primeiros anos de vida. Dinesh não ajudou em nada nas necessidades médicas das crianças ou

nas idas e vindas a hospitais/clínicas. Namrata ia sozinha ou pedia carona a amigos.

• **Violência Doméstica**

Namrata havia sofrido abusos emocionais em sua casa antes de imigrar. A tendência à negligência emocional por parte de Dinesh continuou, enquanto seu desejo de acumular riqueza aumentou depois da imigração. Fora sempre controlador com o dinheiro e não permitia que Namrata participasse das decisões financeiras da família. No ano em que os meninos nasceram, Dinesh constituiu uma empresa dentária em seu nome e pôs, fraudulentamente, Namrata na folha de pagamento como funcionária para receber o benefício de redução de impostos. Ao mesmo tempo, trabalhava em sociedade em outra clínica odontológica como sócio. Em 2009, foi comprada a casa do casal. Nesse mesmo ano, Dinesh utilizou o capital da casa para financiar outros investimentos. Esses detalhes não foram compartilhados com Namrata, embora alguns tivessem sido registrados no seu nome. Em outubro de 2011, Dinesh tornou-se extremamente hostil, questionando a lealdade de Namrata ao casamento. Ele ameaçou expulsá-la de casa e deixar de sustentá-la. Ligou para o irmão e os pais de Namrata na Índia e disse que iria expulsá-la. Os pais de Namrata ligaram para um amigo da família no Canadá e pediram que ajudasse a filha, porém Dinesh concordou em deixá-la ficar, sob o conselho de seu próprio pai. A família dela a pressionou para que pedisse desculpas ao marido e ela aceitou, com medo de ser expulsa de casa. Na época, um amigo em comum sugeriu que o casal fizesse terapia. Dinesh recusou-se, mas Namrata passou a fazer terapia mesmo assim. O casal passou a dormir em quartos separados. Os pais de Namrata e Dinesh vieram da Índia e pressionaram o casal a se reconciliar. Namrata aceitou pelo bem dos filhos. Ao fim de um ano, Dinesh instalou câmeras de segurança pela casa para vigiar os movimentos da esposa e disse que havia contratado um detetive particular para segui-la. Além disso, Dinesh começou a transferir grandes quantias em dinheiro a seu irmão na Índia, esgotando o patrimônio canadense. Pediu para que a esposa assinasse papéis para refinanciamento da casa e que transferisse investimentos feitos no nome dela para o dele. Ela

negou e ele ficou furioso.

Durante todo o casamento, Namrata e Dinesh discutiam sobre a forma de criar os filhos. Dinesh batia nas crianças para educá-las, usava imagens violentas da TV para assustá-las e as encorajava a usar a violência para resolver seus problemas.



Dinesh envolvia a filha de nove anos nas discussões familiares e fazia comentários maldosos sobre Namrata e os avós de ambos os lados.

Dinesh sempre suspeitou de Namrata e desconfiava que ela teria um caso extraconjugal com seu amigo Balwant, que costumava ficar na casa deles. Dinesh instalou câmeras de segurança focadas na parte externa e interna da casa, acessando as imagens pelo celular. Namrata preocupava-se com a própria segurança e a de seus filhos, já que Dinesh vigiava todos os seus movimentos. Em uma ocasião, Dinesh disse a Namrata, na frente da filha adolescente, que ele queria um exame de DNA pois acreditava não ser o pai biológico de seus filhos.

Em duas ocasiões, a *Children's Aid Society* (Sociedade de Apoio às Crianças - CAS) envolveu-se com a família. Em 2010, um dos meninos, na época com quatro anos, disse à professora que tinha apanhado do pai com um bastão. Namrata negou qualquer incidente, já que tinha medo de que levassem seus filhos. Dois anos mais tarde, os meninos contaram ao médico da família que sofriam abusos. Durante uma visita a casa por um representante do CAS, em novembro de 2012, Namrata e Dinesh tiveram uma discussão. Quando o representante saiu, Dinesh usou ferramentas e arrombou a fechadura do quarto de Namrata;

pegou documentos e pertences pessoais da esposa, e a acusou de manter um relacionamento extraconjugal. Os filhos testemunharam o incidente. Dinesh ligou para a polícia e pediu que fossem até a casa do casal. O marido alterou os eventos e colocou a culpa na esposa. A polícia pediu que a mulher saísse da casa naquela noite, sem os filhos, mesmo depois de ela ter contado que o marido havia arrombado a fechadura do quarto e que o CAS estava envolvido. As crianças permaneceram na casa, com o pai e a babá que morava com eles. A polícia não indicou nenhum lugar onde Namrata pudesse passar a noite, então, ela contatou alguns amigos e ficou com eles naquela noite, que marcou a separação oficial do casal.

Quando Namrata retornou à casa do casal no dia seguinte, buscou ajuda de uma organização comunitária, que a conectou com o Serviço às Vítimas (*Victims Services*) que, por sua vez, a ajudou a contatar a polícia para atualizar as informações e adicionar sua versão dos acontecimentos. A polícia chamou Dinesh e comunicou que Namrata havia atualizado a denúncia. Ele ficou furioso e ameaçou mandar a esposa e os filhos para a Índia. Namrata ficou com medo de contatar a polícia de novo. Dinesh encorajou a babá a se demitir, o que significava que Namrata estaria agora sozinha em casa com ele e os filhos. Embora Namrata e Dinesh estivessem oficialmente separados, a família viveu junta na casa (na mesma casa) do casal até dezembro de 2013. Namrata pediu pensão alimentícia provisória para poder sair da casa de Dinesh. Uma vez estabelecida a pensão por parte do tribunal, Namrata saiu da casa para proteger seus filhos dos contínuos conflitos e traumas emocionais. Alugou um apartamento de dois quartos onde ela e os filhos pudessem morar.

• Resolução

Depois de a esposa sair de casa, Dinesh apresentou uma moção ao Tribunal, solicitando a volta dos filhos. Namrata apresentou uma moção cruzada dizendo que os filhos precisavam ficar sob seus cuidados. O Tribunal criticou Namrata por tomar medidas por conta própria, ao sair da casa de Dinesh baseando-se nas “histórias (de alegações) de abusos”. A corte esperava que Namrata obtivesse uma ordem judicial antes de sair da casa do casal. A corte também considerou como suspeita a preocupação de Namrata por sua “segurança” porque ela estava disposta a conceder a Dinesh, visitas em finais de semana alternados. Dinesh resistiu a fornecer sua declaração financeira completa e Namrata teve de levá-lo ao tribunal para conseguir as informações necessárias.



Isso incluiu numerosos investimentos profissionais e corporativos que requeriram o envolvimento de muitos especialistas financeiros e contábeis. Ao final, Namrata pôde comprovar rendas e ativos significativos de Dinesh, o que finalmente resultou em um significativo acordo financeiro entre as partes. A casa do casal foi vendida por ordem judicial e Namrata recebeu sua parte na venda. Namrata recebeu direito à pensão alimentícia para ela e para as crianças, e pôde comprar a casa onde mora com seus três filhos. As crianças vêem o pai quando seu horário de trabalho assim o permite.

Referências de mídia

[Image of technology Switzerland Aargau](#) é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

[Image of a happy woman enjoying sunrise on a beach](#) é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 7: DEEPA E AMOL

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Deepa	Amol
Idade no momento do matrimônio	42	28
Idade*	53	39
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Sikh	Sikh
Educação	Nível superior	Nível superior
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Trabalhadora na área da aviação; tripulação (comissária)	Engenheiro eletricitista
Emprego	Desempregada	Iniciou seu próprio negócio na área de caminhões; único proprietário e diretor da empresa
Categoria usada na imigração	Classe Econômica	Classe Econômica
Status de imigração	Residente Permanente (PR)	Residente Permanente (PR)
<p>Número de anos de casamento: 11 Número de Filhos*: <ul style="list-style-type: none"> • Filho: Amar (7 anos de idade) • Filha: Anju (7 anos de idade) </p>		

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• História Pré-Migração

Deepa trabalhava como comissária de bordo para uma empresa aérea internacional antes de se casar com Amol. Ambos residiam em uma grande cidade na Índia no momento do matrimônio. Deepa utilizou suas economias para comprar um apartamento para a família depois do casamento. Quando a família imigrou para o Canadá, o apartamento foi vendido, e Amol utilizou o dinheiro para comprar uma propriedade na Índia em seu nome. Deepa solicitou aposentadoria voluntária da empresa aérea antes da imigração. Ela sacou os benefícios da aposentadoria para trazer CAD 27,000.00, na época equivalente a aproximadamente IRS 15 Lakh (Rúpias Indianas). Amol tinha o hábito de beber em excesso desde o início do relacionamento.

• Estabelecimento no Canadá

O casal aplicou para imigrar para o Canadá e Amol foi o primeiro a chegar. Em julho de 2007, ele começou a trabalhar na área da construção e em outros trabalhos braçais enquanto se estabelecia na nova vizinhança da família. Deepa chegou em agosto de 2008 com os filhos. Em 2009, Amol iniciou seu próprio negócio de caminhões; era o único proprietário e diretor da empresa. Deepa descobriu que Amol mantinha um relacionamento extraconjugal com outra mulher antes de ela chegar ao país. Deepa confrontou o marido, que disse que a única saída era deixá--lo. Ela decidiu ficar pelo bem das crianças.



• **Violência Doméstica**

O casal passou a ter problemas conjugais; brigava com frequência devido a problemas relacionados ao caso extraconjugal de Amon e seu consumo excessivo de álcool. O marido bebia e conduzia os filhos em seu caminhão, e deixava as bebidas no alcance das crianças em casa. Dissimulava as bebidas em garrafas de suco e, em uma ocasião, sua filha bebeu acidentalmente de uma das garrafas que continha bebida alcoólica. Quando Amol estava bêbado, tornava-se verbal e fisicamente agressivo contra Deepa, o que era testemunhado pelas crianças. Quando estava intoxicado, gritava com os filhos e assistia a material pornográfico na internet na presença das crianças. Como consequência, os filhos tinham medo dele. Às vezes, depois de discutir com Deepa, Amol dirigia embriagado, voltava pra casa e dormia no jardim.

Em setembro de 2009, Amol agrediu Deepa que decidiu denunciar o incidente no posto de polícia local. Amol foi acusado por agressão e ameaça de morte; foi posto em liberdade sob fiança e proibido de ter contato com Deepa até decorrerem os processos judiciais. A *Children's Aid Society* (Sociedade de Apoio às Crianças - CAS) foi envolvida. As partes estavam morando em apartamentos separados no subsolo, Deepa com os filhos, e Amol, sozinho. Apesar da ordem de não-contato, o marido passou a visitar o apartamento da esposa. Em abril de 2010, o tribunal penal fez Amol assinar um acordo de paz de doze meses, mantendo a proibição de contato por um ano. Entretanto, as famílias estendidas se envolveram e tentaram fazer o casal reatar o relacionamento. A pedido das famílias, Deepa se reconciliou com Amol. A relação seguia indefinida, porém, o marido envolveu um advogado para impor uma condição, antes da reconciliação, que estabelecia que o casal moraria junto caso ela assinasse um acordo de separação. Amol contratou outro advogado, supostamente para dar assessoria jurídica independente a Deepa e servir de testemunha quando ela assinasse o acordo. Em junho de 2010, Deepa assinou os documentos oficiais da separação, sem entender direito o que estava assinando, já que nenhum dos advogados envolvidos forneceu-lhe explicações adequadas. O acordo previa uma pensão alimentícia nominal de apenas \$150 para as crianças, e isentava Amol de pagar pensão alimentícia à esposa. No momento da assinatura do acordo, Amol não disponibilizou nenhuma comprovação financeira. O acordo também dava a custódia total a Deepa e direito a visitas a Amol no apartamento da esposa. Ela também renunciou a todos os direitos em relação à propriedade, já que tinha a impressão de que ele queria esse acordo feito como uma pré-condição para a reconciliação.

Em agosto de 2010, Amol mudou-se para o apartamento no subsolo com Deepa e os filhos. Em novembro de 2010, Amol comprou uma propriedade, apenas no seu nome, e a família mudou-se para lá. Os pais de Amol foram visitá-los no ano novo e ficaram por seis meses. Após a partida dos pais, Amol viajou para a Índia para o casamento de um amigo. Voltou em dezembro de 2011 a tempo de celebrar o aniversário dos gêmeos. No dia seguinte, Deepa recebeu um telefonema anônimo dizendo que o marido havia se casado durante sua estada na Índia. Deepa abriu a mala de Amol e encontrou o DVD do casamento. Ela não sabia que o marido havia solicitado o divórcio em uma cidade vizinha e a ordem havia sido concedida em abril de 2010, 7 meses antes de sua viagem à Índia. Deepa nunca recebeu o pedido de divórcio e não sabia como ele conseguiu a separação sem que ela recebesse os papéis¹. Ela confrontou Amol que saiu de casa em dezembro de 2011. Deepa aplicou para o *Ontario Works* (OW, um programa de assistência financeira e de auxílio ao emprego) e permaneceu sob assistência social por oito meses. Encontrou um emprego de meio período como motorista de ônibus escolar para o ano escolar, em setembro de 2012. Deepa continuou morando na casa de Amol com os filhos. Depois de se mudar, Amol e seus amigos ligavam várias vezes, exigindo que Deepa desocupasse a casa.

¹ 1. Mediante investigação, o advogado de Deepa pôde descobrir o que havia acontecido no caso. Em agosto de 2010, Amol passou a viver com Deepa e os filhos. Entretanto, ele havia preenchido uma aplicação de divórcio na corte *SCJ* em setembro de 2010 (um mês depois de sua reconciliação), e a ordem de divórcio foi concedida em abril de 2011, quando Deepa foi considerada ausente, levando a corte a conceder a ordem por omissão. O advogado descobriu que Amol tinha preenchido uma certidão de citação (*affidavit of service*) com um oficial de justiça que fez um juramento de que havia entregue pessoalmente a Deepa a aplicação de divórcio, “deixando uma cópia com ela” (que ela nunca recebeu). Ela nunca morou no endereço que constava na aplicação de divórcio (*Divorce Application*), onde o oficial de justiça afirma tê-la atendido pessoalmente. O oficial de justiça foi incluído na lista de testemunhas. Entretanto, a corte aceitou a certidão de citação como verdadeira, considerando que a esposa fora propriamente notificada; como o prazo de 30 dias para a resposta havia passado, ela foi considerada inadimplente e o tribunal concedeu o divórcio.

A partir de 2013, Amol passou a não pagar as contas de água e luz da propriedade. Os serviços foram cortados e a família ficou sem água e sem calefação por muitos meses, incluindo no inverno. Deepa e os filhos viram-se obrigados a tomar banho em um centro comunitário local. A partir de maio de 2015, Amol deixou de pagar pela casa, incluindo a hipoteca. Quando isso aconteceu, o banco iniciou o processo judicial para tomar a propriedade e Deepa e os filhos viram-se obrigados a sair da casa.

• **Resolução**

O maior ponto de discórdia, neste caso, foi o momento da separação oficial das partes. Deepa estava morando com Amol e tinha a impressão de que o casamento foi válido até dezembro de 2011, quando Amol saiu de casa, porém o acordo de separação havia sido assinado em junho de 2009. Isso teve implicações no pagamento das pensões à esposa e filhos. Amol foi aos tribunais em novembro de 2012, alegando que Deepa havia afastado os filhos dele e restringindo as visitas. Ele então pediu a custódia e o acesso aos filhos. Deepa refutou a acusação de que restringia as visitas, alegando que Amol não havia feito nenhum esforço para ver os filhos nos últimos 11 meses, apesar de a filha ter ficado muito doente. Deepa pediu aos tribunais que anulasse a separação anterior e solicitou a custódia total dos filhos e visitas supervisionadas por parte do marido. Ela pediu que os filhos tivessem seus próprios advogados e solicitou pensão para ela e os filhos, além de uma ordem de restrição contra Amol.

• **Referências de Mídia**

[Image of raining on shriveled up flowers lying on rocks](#) é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 8: CLAUDIA E HENRY

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Claudia	Henry
Idade no momento do matrimônio	24	46
Idade*	32	54
País de Origem	Dominica	Dominica
Religião	Cristã	Cristã
Educação	Escola Secundária incompleta	Escola Secundária
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Desempregada	Sem informação disponível
Emprego	Desempregada	Trabalhador autônomo como limpador de janelas
Categoria usada na imigração	Classe Familiar: Henry patrocinou sua esposa Claudia pelo programa de patrocínio de cônjuge	Sem informação disponível
Status de imigração	Residente Permanente	Cidadão

Número de anos de casamento: 8

Número de filhos*:

- Filha: Faith (5 anos)

- Filha: Hope (5 anos)

• No momento da aplicação no Tribunal de Família.

- **História pré-imigração e estabelecimento no Canadá**

Claudia chegou ao Canadá com um visto de turismo em 1999, e conheceu Henry em 2004. Henry era autônomo e morava no Canadá havia 15 anos. O casal passou a morar junto em uma casa de propriedade de Henry. Claudia ultrapassou seu status de visitante e foi deportada em 2006. Na época, estava grávida de gêmeos. Claudia viveu com suas filhas em Dominica pelos 6 anos subsequentes. Henry patrocinou Claudia e suas filhas para imigrar ao Canadá. Chegaram ao país em 2012. Henry precisou provar sua relação com as filhas, antes do patrocínio, através de um teste de DNA. Claudia recebeu o status de residente permanente condicional (*Conditional Permanent Resident*). Quando chegaram, a família se estabeleceu em um apartamento alugado, porque Henry havia vendido a casa.



- **Violência Doméstica**

Desde o início, Henry abusava emocional e economicamente de Claudia; era muito controlador. Não levava comida para casa e nem cobria os gastos do dia-a-dia. Xingava Claudia e sempre suspeitava de suas ações. Ele controlava todos os seus relacionamentos com outras pessoas. Ficava com a única chave do apartamento e controlava a entrada e saída de todos. Henry era alcoólatra, bebia em excesso e tornava-se barulhento e perturbador.

As coisas não iam bem dentro de casa. Além de beber, Henry era negligente. Não dava dinheiro para Claudia para comprar comida ou roupa e não se envolvia com as crianças. As meninas tinham medo do pai e diziam que ele cheirava mal. Também expressaram que não queriam ficar na casa com ele e gostariam de se mudar para longe do pai.

Quando foram matriculadas na escola, as meninas começaram a ter problemas de

comportamento (por exemplo, atiravam coisas e urinavam na cama) e tentaram fugir do pai. Quando abordou o problema das garotas, Cláudia revelou o comportamento do marido à professora. Henry foi chamado e ficou muito chateado. Começou a gritar com a esposa e a comportar-se de maneira agressiva. Depois da reunião, seguiu Cláudia até a casa, em vez de voltar ao trabalho, para ter certeza de que ela não sairia de casa. A professora chamou a *Children's Aid Society (Sociedade de Apoio às Crianças - CAS)*, que foi imediatamente envolvida no caso, mantendo contato com a família pelos dois anos subsequentes.

No dia seguinte, quando Cláudia recebeu a visita de um amigo no apartamento, Henry começou a insultá-los agressivamente. Ameaçou Cláudia, dizendo que revogaria seu status migratório. Dias depois, em outubro de 2012, temendo por sua segurança e das meninas, Cláudia foi a um abrigo com as filhas. Ela estava no país havia menos de seis meses.

- **Resolução**

Cláudia continuou com as crianças sob seus cuidados depois da separação de custódia de fato (*separation de facto custody*). Sempre foi a cuidadora principal das filhas. Henry exigia a custódia das meninas e não queria pagar a pensão alimentícia a elas: considerava que já havia pago valores significativos pelas taxas associadas ao processo de patrocínio. O caso chegou ao Tribunal de Família em 2013 e foi encerrado em meados de 2015. O tribunal concedeu a Cláudia a custódia total das filhas. Henry obteve um regime de visitas diurnas com a condição de não consumir álcool antes e durante as visitas. Houve uma ordem de não-comunicação mútua (*non communication order*) entre as partes. Cláudia teve de retirar o pedido de pensão ao cônjuge (*spousal support claim*). A *Children's Aid Society (CAS)* continuou envolvida no caso a depois de 2012, embora eles não tivessem preocupações em relação à proteção das crianças. A CAS apoiou Cláudia e as filhas oferecendo aconselhamento, apoio à moradia e acesso a recursos. Cláudia segue recebendo ajuda do governo e pagando por todas as despesas das crianças.

- **Referências de Mídia**

- Image of frayed fabric é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 9: RABIA E ALI

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Rabia	Ali
Idade no momento do matrimônio	21	25
Idade*	36	40
País de Origem	Paquistão	Paquistão
Religião	Muçulmana	Muçulmana
Educação	Nível universitário incompleto em Microbiologia pela Universidade de Karachi	Nível universitário
Nível de inglês	Limitado	Limitado
Emprego antes de imigrar	Desempregada	Proprietário de uma loja de automóveis
Emprego	Desempregada	Proprietário e administrador de uma loja de automóveis
Categoria usada na imigração	Visto de empresário (<i>Business Entrepreneur Visa</i>)	Visto de empresário (<i>Business Entrepreneur Visa</i>)
Status de imigração	Residente Permanente (PR)	Residente Permanente (PR)

Número de anos de casamento: 15

Número de filhos*:

- Filho: Akar (13 anos de idade)
- Filha: Rashida (8 anos de idade)
- Filha: Rukshana (5 anos de idade)
- Filha: Ala (4 anos de idade)
- Filha: Sultana (4 anos de idade)
- Filha: Afroz (3 meses de idade)

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migração**

No início do casamento, o casal mudou-se para o Oriente Médio, onde Ali construiu sua loja de automóveis. Ele realocou a família mesmo sabendo que seu filho sofria de asma e o clima no Oriente Médio não era adequado para ele. Quatro anos depois de se casarem, em maio de 1999, Rabia e Ali emigraram, com seu filho pequeno, para o Canadá, sob o programa de imigração para investidores (*Business Entrepreneur Program*). Ali trouxe mais de US\$300,000 como condição para poder imigrar sob essa categoria. No início, Rabia não participou da decisão de vir ao Canadá, simplesmente acompanhou o marido para manter a família unida. Entretanto, depois de perceber que o clima canadense era bem melhor para seu filho pequeno, Rabia concordou que mudar-se para o Canadá era benéfico, já que a criança não precisaria de doses diárias de esteróides para sobreviver, como acontecia em Dubai.

• **Estabelecimento no Canadá**

Ao chegarem no Canadá, em maio de 1999, Rabia e Ali compraram um apartamento em dinheiro. Ali abriu uma loja de móveis e manteve sua loja de automóveis funcionando no Oriente Médio. Dois anos depois, o casal conseguiu uma hipoteca e comprou uma segunda propriedade, que foi vendida em 2003; porém, Rabia não recebeu nenhuma parte da renda proveniente da venda. Quando Rabia e Ali tornaram-se residentes permanentes, em 2002, Ali vendeu a loja de móveis, obtendo lucro. Continuou mantendo investimentos em Dubai. Rabia ficava em casa cuidando da família que crescia. Era responsável por todas as tarefas domésticas e o cuidado das crianças. A única prioridade de Ali era ganhar dinheiro. Cinco anos depois de chegar ao Canadá, Ali começou um negócio de exportação de veículos, que permitia comprar e enviar carros para o Oriente Médio.

• Violência Doméstica

Ao longo do casamento, Ali abusou verbal e fisicamente de Rabia na presença dos filhos. Além disso, Ali fazia alarde sobre seus relacionamentos com outras mulheres na frente da esposa e exigia sexo sempre que desejasse. Controlava todas as finanças de Rabia, supervisionando suas contas eletronicamente, e dando dinheiro apenas para cobrir as necessidades. Negava dinheiro para manter atividades extracurriculares aos filhos. Não deixava a esposa sair de casa, a não ser por extrema necessidade, e não permitia que ela contatasse sua família no Paquistão. Durante o casamento, Ali obrigou Rabia e os filhos a acompanhá-lo várias vezes ao Oriente Médio em longas viagens de negócios (mais de 6 meses de duração), apesar da condição médica preexistente do filho. Para poder acompanhar o marido, a esposa era obrigada a tirar os filhos da escola. Durante essas viagens, a esposa e os filhos ficavam largados (abandonados) em casa enquanto Ali tocava os negócios, passando fora o dia todo e voltando tarde da noite. Ao voltarem ao Canadá, Rabia voltava a matricular os filhos na escola e, como era de se esperar, eles ficaram atrasados nos estudos.

Ali frequentemente gritava e batia nos filhos e, como consequência, eles o temiam. Ali ameaçava periodicamente a esposa, dizendo que pegaria os filhos no meio da noite, os poria em um voo para o Paquistão e ela nunca mais os veria de novo. Em fevereiro de 2009, Rabia entrou em contato com a polícia e contou os abusos que sofria há anos. Duas de suas filhas, que tinham seis e nove anos na época, revelaram terem sofrido abusos sexuais por parte do pai.

Além disso, seu filho revelou ter sofrido abusos físicos e afirmou que Ali o havia filmado tomando banho no chuveiro. A *Special Victims Unit* (Unidade Especial de Vítimas-SVU) mostrou-se cética quanto às acusações pois acreditavam que os filhos haviam sido orientados. Entretanto, a *Children's Aid Society* (Sociedade de Apoio às Crianças - CAS) inscreveu Ali no registro de maus-tratos infantis em dezembro de 2010. Ali foi considerado culpado em duas acusações de agressão e



uma acusação de abuso sexual contra a esposa. Foi posto em liberdade sob fiança e foi proibido pelo Tribunal de Família de ter contato direto ou indireto com a esposa e os filhos. Foi também proibido de deixar o país. Entretanto, foi para julgamento em maio de 2009, e obteve uma modificação da fiança (*bail variation*) que lhe permitia ter acesso ao passaporte e fazer viagens a negócios. Meses depois da proibição, o irmão e a irmã de Ali começaram a incomodar Rabia, ligando e visitando o apartamento e pedindo para que resolvessem o assunto fora dos tribunais. O cunhado deixava mensagens de voz dizendo que se ela se recusasse a falar com ele, os filhos e a casa seriam tomados e que Deus ficaria bravo com ela. Ela ligou para o 911 depois de um incidente em que o cunhado bateu agressivamente na porta do apartamento, assustando as crianças. A polícia veio em seguida e assegurou ter advertido o cunhado para não entrar em contato com Rabia. A esposa solicitou uma ordem de restrição ao Tribunal de Família que garantiria que o marido ou qualquer pessoa agindo em seu nome tivesse contato com ela.

- **Resolução**

Para os casos relacionados a acusações de agressão contra Rabia, Ali declarou-se culpado. Entretanto, as acusações de agressão sexual prescreveram. Sua sentença foi de liberdade condicional durante doze meses, sem contacto com Rabia ou os filhos. Também foi sugerido que o marido frequentasse sessões de controle de raiva. Em agosto de 2011, Ali foi requerido a entregar seu passaporte ao advogado e fornecer uma declaração financeira completa. Não providenciou nenhuma das solicitações.

- **Referência de mídia**

Image of closeup of a woman's face é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 10: ANJANA E MARK.

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Anjana	Mark
Idade no momento do matrimônio	33	34
Idade*	51	52
País de Origem	Guiana	Guiana
Religião	Cristã	Cristã
Educação	Escola Secundária	Escola Secundária
Nível de inglês	Pode comunicar-se em Inglês	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Desempregada	Sem informação disponível
Emprego	Operadora de máquina	Desempregado
Categoria usada na imigração	Classe Familiar: Mark patrocinou sua esposa (patrocínio de cônjuge)	Classe Familiar: Mark foi patrocinado por sua mãe antes de se casar.
Status de imigração	Cidadã	Cidadão

Número de anos de casamento: 18

Filhos*:

- Filha: Abi (22 anos)
- Filha: Susan (20 anos)
- Filha: Christina (14 anos)
- Filho: Sean (12 anos)

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migração**

Anjana e Mark casaram-se na Guiana em agosto de 1992. Esse foi o primeiro casamento de ambos. A mãe de Mark, que vivia no Canadá, patrocinara o filho para imigrar para o Canadá em 1989. Mark e Anajana tiveram uma filha em 1988 e outra em 1992. Depois de seu casamento em 1992, Mark patrocinou Anjana para imigrar para o Canadá. Ela chegou com as duas filhas (4 e 2,5 anos de idade). Os outros dois filhos nasceram depois de terem imigrado; sua filha nasceu em 1996 e seu filho, em 1998.

• **Estabelecimento no Canadá**

O casal comprou uma casa conjugal em uma grande cidade canadense. Mark, desempregado na época, tinha um mau histórico de crédito e a casa foi comprada em nome da esposa que, por 13 anos, fez todos os pagamentos da hipoteca; trabalhava em três empregos e pagava todas as despesas da casa. Mark nunca teve um emprego estável e não ajudava a sustentar Anjana e os filhos. Anjana comprava toda a comida e roupas dos filhos com dinheiro próprio. Ela tinha de pedir dinheiro emprestado a amigos e familiares para cobrir qualquer déficit no orçamento e, assim, não perder a casa do casal. Anjana enfrentou muitos problemas de saúde (hipertensão, artrite reumatoide e síndrome do túnel do carpo); porém sempre se esforçava para trabalhar.

• **Violência Doméstica**

Ao longo de dezoito anos de casamento, Mark foi física e verbalmente abusivo com Anjana e os filhos. Ele era muito controlador; escutava as chamadas telefônicas da esposa, seguia-a ao trabalho e acessava seu email. Enquanto a esposa dormia, Mark checava sua carteira para

inspecionar sua conta e transações bancárias. Durante todo o tempo de matrimônio, a polícia foi chamada várias vezes: Anjana e seus filhos chamaram vinte e uma vezes, alegando casos de agressão física, e Mark chamou doze vezes por abuso verbal.

Pouco depois de chegar ao Canadá, Mark agrediu Anjana, batendo em sua cabeça. A polícia foi chamada, e Mark foi acusado. Anjana ficou num abrigo para mulheres com suas filhas. Mark foi condenado e posto em liberdade condicional. O casal viveu separado, porém reconciliou-se um ano e meio depois. Mark também foi abusivo com os filhos. Em dezembro de 2008, quando Anjana estava trabalhando, Mark se enfureceu e agrediu a segunda filha, na época com dezessete anos. Ele a perseguiu pela casa, bateu nela e arremessou um rolo de massa contra ela. Ela saiu correndo de casa na tentativa de escapar, mas Mark correu atrás dela, agarrou-a pelo pulso e começou a socá-la. Um vizinho viu a agressão e chamou a polícia. Mark foi preso e acusado. Uma vez mais, ele foi posto em liberdade condicional. Durante esse período, ele foi sentenciado a liberdade condicional mais uma vez por atacar uma criança da vizinhança.

Em setembro de 2010, aproximadamente três anos depois do incidente com sua

filha, Mark foi acusado de várias ofensas: agressão, assalto a mão armada, posse ilegal de armas e delinquência. Essas acusações envolviam Anjana e seus filhos. Mark foi posto em liberdade em restritivas condições de fiança. Nessa época, o casal se separou, e dois anos mais tarde Mark foi considerado culpado de assalto e de violação às condições da fiança. Foi sentenciado à liberdade condicional por um ano, o que incluía a



condição de não ter nenhum contato com Anjana e os filhos durante esse período.

Quando a liberdade condicional terminou, ele fez uso de força para voltar à casa do casal, porém vivendo separado de Anjana e dos filhos. Ele tomou o dormitório principal, a garagem e o porão. Anjana não sabia o que fazer.

Outras agressões aconteceram, incluindo uma contra outra filha. Mais acusações foram feitas

contra Mark, que foi obrigado a sair da casa, podendo recolher seus pertences apenas sob supervisão. Ele ignorou a ordem e entrou na casa (com o filho presente), e retirou diversos objetos, incluindo estimados pertences da família. Em novembro de 2014, Mark e seu filho (que então estava com quase 16 anos) tiveram uma briga, e Mark bateu nele. Anjana só teve conhecimento do incidente três semanas depois, quando seu filho lhe revelou o fato.

Enquanto morou na casa, Mark não contribuiu economicamente com o sustento da casa: os impostos municipais sobre a propriedade não haviam sido pagos por três (3) anos e Anjana recebeu uma conta vencida no valor de \$10.000 dólares. As crianças tiveram de pedir à avó paterna para emprestar dinheiro para Anjana, já que ela não tinha condições de pagar a conta. A avó emprestou o dinheiro. Mark prometeu pagar a metade dos 10.000 dólares, porém nunca o fez. Além disso, Mark também tentou desviar os benefícios fiscais que a esposa recebia pelas crianças (*child tax benefits*) do governo, pedindo que a agência de impostos colocasse os cheques no nome dele. Como consequência do estresse e da violência, a saúde de Anjana foi piorando e ela passou a ter ataques de pânico.

• Resolução

Mark teve de pagar pensão alimentícia aos filhos, porém não declarou com exatidão seus ganhos e bens (um carro vintage) adquiridos por atividades ilícitas. A data da separação está posta em disputa. A casa do casal foi vendida e Anjana recebeu metade do patrimônio, assim como as pensões alimentícias de seus filhos em atraso (da separação entre 2010 e 2015). Mark também obteve sua parte da divisão de bens. Recebeu uma ordem judicial para não se comunicar com Anjana sem a presença de um advogado. Mark terá de pagar pensão alimentícia à filha mais nova baseada em seu salário mínimo. O divórcio foi concluído em 2016.

• Referências de mídia

- [Image of a little girl holding a teddy bear and walking on a lonely road](#) é

licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 11: SHOVA E ANANT

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Shova	Anant
Idade no momento do matrimônio	23	25
Idade*	38	40
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Hindu	Jain
Educação	Licenciatura	Licenciatura
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Designer de interiores	Proprietário de uma empresa de importação e exportação na Índia
Emprego	Funcionária do varejo	Proprietário de empresa
Categoria usada na imigração	Permissão de trabalho temporária (2007). Concedido o PR pelo programa de start up em 2009	Permissão de trabalho temporária (2007). Concedido o PR pelo programa de start up em 2009
Status de imigração	Residente Permanente (2009)	Residente Permanente (2009)

Número de anos de casamento: 15

Número de filhos*:

- Filho: Aditya (13 anos de idade, cidadão indiano)
- Filho: Arjun (7 anos de idade, cidadão canadense)

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• História Pré-Migratória

Na Índia, Shova trabalhou como designer de interiores e recepcionista em um grande aeroporto internacional. Anant tinha um negócio de importação e exportação na Índia, expandindo seus negócios quando imigrou ao Canadá. Shova participava do negócio e realizava as funções de vendas e marketing, tanto na Índia quanto no Canadá. Depois do casamento, Shova e Anant moraram em casa conjunta (*Joint Family*) com mais 16 pessoas, que pertencia a Anant. Duas das condições do casamento foram: Shova deixar de comer carne, cebolas e alho (já que isso não era permitido na religião do marido) e romper todos os laços com sua família. Anant era um fiel seguidor da religião jainista. Para apoiar a crença do marido, Shova deixou de comer carne quando se casaram, porém Anant sempre suspeitou de seu compromisso com essa restrição na dieta.



O casamento de Shova e Anant foi instável desde o início porque ela não era jainista e vinha de uma comunidade em que era permitido comer carne, cebola e alho. Um ano depois do casamento, Anant agrediu Shova. Posteriormente, ele e sua família tentaram dissolver o casamento para que ele pudesse se casar com alguém da comunidade jainista. Disseram à

esposa que saísse da casa do casal e voltasse para a casa dos pais. Depois de discussões entre as famílias estendidas, o casal se reconciliou. Entretanto, os abusos físicos, emocionais, verbais e sexuais continuaram.

Pouco depois, Shova descobriu que estava grávida. Foi hospitalizada duas vezes durante a gravidez. Uma vez, Anant lhe deu um chute e a obrigou a dormir no chão de mármore frio. Na segunda vez, Anant a empurrou para dentro da banheira porque estava chateado por ela não a ter limpado; ela sofreu hematomas abdominais.

O primo de Anant levou Shova ao hospital, onde ficou na unidade de terapia intensiva (UTI) por cinco dias para monitoramento fetal. A esposa informou ao médico sobre o incidente e Anant foi alertado para permanecer fora do hospital. Quando a família de Shova confrontou Anant por seu comportamento, ele se mostrou confrontador e desrespeitoso contra eles.

Shova deu à luz a seu filho em 2002. O hospital adotou medidas de segurança, já que (se) temiam que Anant sequestrasse o bebê. Essa ameaça não se concretizou e Shova passou os primeiros anos de seu filho viajando muito pelos Estados Unidos, ajudando Anant a construir seu negócio. Cinco anos depois, Shova e Anant imigraram para o Canadá com o visto temporário de trabalho (*Temporary Work Visa*) em 2007 e, em dezembro de 2009, eles receberam a residência permanente sob o visto de startup (Startup visa). Imediatamente criaram e expandiram seu negócio de importação e exportação na Índia. Shova voltou a dedicar-se às vendas e ao marketing.

• Estabelecimento no Canadá

Shova começou a trabalhar meio-período para uma grande empresa varejista de artigos para decoração para ajudar no início do negócio da família, mas a empresa ainda não assegurava renda/lucros estáveis. A esposa era ainda responsável por todas as tarefas domésticas e cuidados dos filhos. O casal possuía apenas um carro e, em uma ocasião, Shova teve de voltar para casa andando por meia hora, tarde da noite e com frio, porque o marido havia se esquecido de buscá-la.

A esposa tinha pouco contato com sua família na Índia, já que Anant restringia seu contato com

eles. Também não tinha amigos, uma vez que Anant os assustava com seu comportamento controlador. Um ano depois de chegar ao Canadá, Shova deu à luz a seu segundo filho. O parto foi difícil e o bebê nasceu por cesariana. Anant não a ajudou nem mostrou preocupação com ela ou com o bebê.

A empresa exigia toda a atenção de Anant, e o casal arrendou um terreno para expandir o negócio em 2009. Todo o salário pessoal de Shova oriundo de seu trabalho como comerciante se destinava à empresa da família. No ano seguinte, compraram a casa do casal.



Violência Doméstica

Anant era abusivo desde o início do casamento. Também acusou injustamente a esposa de manter um relacionamento extraconjugal. Shova nunca falou sobre os abusos, já que Anant era muito respeitado na comunidade e ela queria proteger sua imagem. A situação se agravou quando Shova foi promovida a gerente em tempo integral em 2012. Depois de discutir com Anant, ela aceitou as responsabilidades da nova posição. Durante esse tempo, Anant tornou-se mais controlador. Ele ligava ou a visitava no trabalho várias vezes ao dia, interferindo em suas tarefas e deixando seus colegas de trabalho irritados. Tomou o controle total das finanças da esposa, monitorando seus gastos, investimentos e cartões de crédito. Por causa da vigilância exagerada de Anant, da agitada agenda de trabalho (tanto remunerado quanto doméstico) e do cuidado dos filhos, Shova sofreu um ataque de estresse e foi internada no hospital com paralisia

temporária.

Shova e Anant venderam sua primeira casa, compraram uma nova em 2013, e os filhos começaram a estudar em uma nova escola. Pouco depois da mudança, Anant golpeou fortemente seu filho mais velho, o que resultou em marcas em sua face. Alguns dias depois, seu filho menor contou na escola o que havia acontecido. A escola chamou Shova e disse-lhe que era sua responsabilidade proteger as crianças. Depois de uma visita do *Children's Aid Society* (*Sociedade de Apoio às Crianças - CAS*) à casa da família, Anant parou suas agressões físicas contra os filhos, porém continuou com os abusos verbais contra eles. Os meninos receberam apoio psicológico por recomendação da CAS.

Em 2014, Anant agrediu fisicamente Shova de tal maneira que ela teve de se afastar do serviço por dois dias e teve problemas para caminhar. A briga começou porque ele queria que ela usasse um vestido decotado para um evento de negócios de que iriam participar. Quando ela resistiu, ele a golpeou e a jogou contra os armários. Ele rasgou as roupas da esposa até que ela concordasse em vestir o que ele queria. Mesmo estando fisicamente machucada pela agressão, ela não foi ao médico e voltou ao trabalho dois dias depois. Tentou esconder a dor de seus colegas de trabalho, porém não teve sucesso, e uma colega reportou a suspeita de violência ao departamento de recursos humanos da empresa. Shova foi aconselhada a procurar o serviço de ajuda da empresa para apoio e aconselhamento. Em novembro de 2014, Anant criou uma sociedade e fraudulentamente forjou a assinatura da mulher sem seu consentimento ou conhecimento. Durante os anos seguintes, continuou a representá-la fraudulentamente para obter benefícios econômicos.

Em fevereiro de 2015, o casal teve uma violenta discussão e Anant colocou Shova para fora de casa. Anant disse que se ela voltasse, ele a mataria. Abalada, a esposa foi trabalhar e ligou para o marido ao longo do dia, temendo pela segurança das crianças. Anant ignorou suas chamadas. Shova encontrou um lugar para ficar temporariamente, na casa de uma amiga, já que não achava seguro voltar para casa. Durante as semanas seguintes, Anant tentou fazê-la voltar para casa e, em abril de 2015, ameaçou cometer suicídio por overdose e colocar a culpa na esposa. Naquela noite, Shova foi visitar os filhos e durante esse tempo, Anant se forçou sobre ela, pegando uma faca e ameaçando matá-la e se matar. Apavorada, Shova chamou 911. A polícia chegou e Anant foi levado ao hospital, porém nenhuma acusação foi feita. Como os filhos estavam

traumatizados depois de presenciar o acontecido, Shova levou-os para sua casa, apenas por aquela noite. No dia seguinte, Anant recebeu alta do hospital e pegou os filhos na escola. Os meninos passaram a contatar a mãe em segredo.

Durante o tempo da separação, Anant esgotou a conta bancária conjunta, e Shova foi bloqueada. Sem a mãe em casa, não havia estrutura, e o filho mais velho, com doze anos na época, tinha de fazer o papel de pai substituto para o irmão menor, incluindo dar-lhe medicação quando necessário.

Shova e Anant negociaram acordos informais relacionados às crianças. Essencialmente, Shova, que morava em outro lugar, ia para a casa do casal, acordava e ajudava os meninos a se arrumar para o dia. Organizava suas necessidades escolares, fazia almoço, lavava as roupas, limpava a casa e os levava para escola. Algumas tardes a mãe os visitava, porém nunca podia ver os filhos em sua casa ou ficar com eles nos finais de semana.

• Resolução

Anant culpou Shova por ter abandonado os filhos. Shova conseguiu a ajuda de um advogado e solicitou a custódia compartilhada dos filhos, incluindo pensão alimentícia para filhos e ela. Shova também requisitou que o Escritório de Advogados para Crianças (*Office of Children's Lawyer*) se envolvesse para defender os filhos de forma independente. Essa requisição foi atendida. Em 2016, o tribunal concedeu a ambas as partes a guarda compartilhada, sendo a casa do pai a residência principal das crianças. As questões relacionadas às propriedades resolveram-se mediante acordo financeiro. Atualmente, tanto Anant como Shova estão envolvidos com outros parceiros.

• Referências de mídia

[Exposed Brick Wall](#) © Aida KHubaeva é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

[Kidney bean sprout](#) © 김경복 é licenciada sob a licença [CC0 \(Creative Commons Zero\)](#).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 12: BINA E UDEEP

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Bina	Udeep
Idade no momento do matrimônio	23	Sem informação disponível
Idade*	55	Sem informação disponível
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Cristã	Hindu
Educação	Título de enfermeira	Licenciatura
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Enfermeira	Sem informação disponível
Emprego	Trabalhava em uma casa de serviços funerários	Sem informação disponível
Categoria usada na imigração	Bina chegou com um visto de visitante e solicitou o status de refugiada dentro do território canadense	Não aplicável (nunca imigrou)
Status de imigração	Solicitou a imigração por motivos humanitários e compassivos.	Sem informação disponível

Número de anos de casamento: 29 (1986-2015, separados em 2010)

Número de filhos*:

- Filho: Vijay (Nascido em maio de 1987- tem uma deficiência devido a um acidente de motocicleta em 2009)
- Filho: Raju (15 anos de idade; diagnosticado com TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), transtorno de estresse e vício em videogames.

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migratória**

Bina e Udeep tiveram um casamento inter-religioso por amor que não foi aceito por nenhuma das famílias. Com o casamento, a família de Bina rompeu relações com a filha, que foi morar com Udeep em Bahrein, de forma intermitente, durante treze anos (de 1997 a 2010). Seu filho mais velho não acompanhou a família a Bahrein e permaneceu na Índia; o filho mais novo nasceu em Bahrein.



Durante o tempo em que Bina esteve em Bahrein, seu marido a agredia emocional, verbal, física e economicamente. Era alcoólatra e a golpeava tanto no rosto quanto no corpo. Em uma ocasião, bateu a mão dela contra um armário. Bina também sofreu estupro marital em múltiplas ocasiões. Além disso, seu ex-marido agredia seu filho mais novo, Raju, e o maltratava verbalmente. Bina não denunciou os abusos às autoridades da Índia porque seu marido ameaçava matá-la caso o

fizesse. Não denunciou os maus tratos às autoridades quando vivia em Bahrein, com visto de trabalho, pois temia que seu visto fosse revogado e a família fosse deportada para a Índia. Bina chamou a polícia uma vez quando estava na Índia, o que resultou em uma violenta agressão por parte de Udeep.

• **Estabelecimento no Canadá**

Depois de sofrer anos de abusos, Bina viajou ao Canadá, em 25 de setembro de 2010, partindo de Bahrein, com um visto de turista, com seu filho Raju, que tinha na época nove anos. Seu filho mais velho permaneceu na Índia. Bina não tinha família nem amigos no Canadá. Um mês depois de sua chegada, solicitou a condição de refugiados para ela e Raju. Dois anos depois, sua aplicação de refugiada foi recusada pois ela não tinha provas da violência doméstica. Além disso, o fato de ela vir originariamente da Índia, que estava na lista de países seguros (*Safe Country List*) criada pelo Conselho de Imigração e Refugiados do Canadá (*Canadian Immigration and Refugee Board*), falou contra ela. Ela tentou apelar da decisão que foi negada pelo Tribunal Federal. Um ano e meio depois, Bina solicitou a residência permanente por motivos humanitários e compassivos (H & C), pedindo aos tribunais que considerassem as dificuldades únicas, imerecidas e desproporcionais que ela sofreria caso voltasse à Índia. Esse pedido também foi negado. Antes disso, ela havia recebido um visto de trabalho e podia trabalhar no Canadá. Apresentou uma outra aplicação de H & C, em 2015, que também foi negada já que ela não havia conseguido um emprego em tempo integral em 5 anos morando no Canadá. A ordem de deportação foi dada a Bina e Raju; ela fez uma apelação, que suspendeu a ordem até a audiência de apelação. Raju estava aterrorizado ante a possibilidade de ser deportado e disse a Bina que fugiria dela caso isso acontecesse.

• **Violência Doméstica**

Apesar de Bina estar protegida da violência doméstica por parte do marido enquanto vivia no Canadá, sofria estresse constante por medo de ser deportada e um trauma contínuo resultante dos abusos sofridos na Índia e no Bahrein. Udeep dissera à sogra que estava aguardando o retorno da esposa, fazendo ameaças a ela caso de fato retornasse ao país. Bina vivia em constante temor por sua vida se fosse deportada e obrigada a regressar a sua casa na Índia. Bina fez diversas tentativas de suicídio desencadeadas pelas lembranças dos abusos que sofrera nas mãos do ex-marido.

Bina também havia sofrido violência física nas mãos de seu filho que, ao lidar com os efeitos de abusos passados e o temor de ser deportado, passou a ter problemas na escola. Seu TDAH, transtornos de estresse e vício em jogos tornaram difícil que Bina cuidasse dele. Em julho de 2015, Bina conseguiu um emprego como motorista de ônibus para melhorar suas possibilidades de ser aprovada para aplicação de H & C. Também foi voluntária na comunidade. Morava em uma cidade, mas conseguiu emprego em outra como motorista de ônibus, dividido em turnos que consistiam em dezessete horas de trabalho diário. Durante as longas horas de trabalho, seu filho não era supervisionado e seu vício em jogos piorou. Começou a roubar os cartões de crédito da mãe para manter o vício. Quando Bina o enfrentava, tornava-se agressivo e ameaçava matá-la. Em abril de 2016, Raju agrediu a mãe, empurrando-a e golpeando-a. Bina chamou o 911. Raju foi acusado e posto em liberdade sob fiança. Foi enviado para casa com a condição do toque de recolher e a *Children's Aid Society* (Sociedade de Apoio às Crianças - CAS) foi envolvida.

Em maio de 2016, Raju violou as condições da fiança e não voltou para casa. Bina chamou a polícia depois de seu desaparecimento. Ele foi encontrado quatro dias depois, acusado pelo descumprimento das condições da fiança e levado ao tribunal. Bina não compareceu ao julgamento para servir como fiadora e, por isso, o CAS o recolheu. Um agente de polícia tinha aconselhado Bina para que permitisse que o CAS assumisse a responsabilidade principal dos cuidados e avaliações do menino, para que pudessem encontrar um apoio adequado para ele. Isso fez com que Raju ficasse aos cuidados do CAS e fosse enviado para uma família provisória. Durante esse tempo, Raju (agora com 16 anos) disse a seu advogado que não queria voltar para os cuidados da mãe e que gostaria de ficar sob a tutela da Coroa (*Crown Ward*). Bina viu-se obrigada a atender seus desejos, e o filho tornou-se um tutelado da Coroa em outubro de 2017. Bina recebeu o direito de visita sob os desejos do filho.

Bina utilizou muitos recursos no Canadá. No início, usou uma clínica jurídica sem fins lucrativos para ajudá-la nos processos de imigração e de refugiados. Além disso, recebeu aconselhamento comunitário para ajudá-la a processar os abusos que sofreu antes de chegar ao Canadá. Também teve aulas de inglês como segunda língua (ESL) e educação parental para ajudá-la a lidar com a relação com seu filho.

- **Resolução**

Em outubro de 2017, Raju tornou-se um tutelado da Coroa (*Crown Ward*) e o CAS contratou um advogado de imigração para continuar com sua aplicação de imigração. Desde então, não tem mostrado nenhum interesse em buscar um relacionamento com a mãe. Bina preencheu sua aplicação em separado para H & C em dezembro de 2017. Essa aplicação não foi considerada e a Agência de Serviços de Fronteira do Canadá (Canada Border Service Agency) deportou Bina para a Índia em 21 de janeiro de 2018.

- **Referência de mídia**

Empty Liquor Bottles © ktphotography

Game controllers © christianladewig0 é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 13: ELHAM E DAWOOD

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Elham	Dawood
Idade no momento do matrimônio	20	41
Idade*	35	55
País de Origem	Sem informação disponível	Sem informação disponível
Religião	Muçulmana	Muçulmana
Educação	Escola Secundária (Alemanha)	Graduado em Engenharia
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Desempregada	País do Oriente Médio
Emprego	Desempregada	Empregado
Categoria usada na imigração	Classe familiar: Dawood patrocinou Elham pelo programa de patrocínio de cônjuge (1995)	Imigrou com um visto de estudante (em 1980).
Status de imigração	Cidadã	Cidadã

Número de anos de casamento: 13

Número de filhos*:

- Filho: Farooq (11 meses de idade)
- Filha: Gulshan (8 anos de idade)

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

• **História Pré-Migratória**

Dawood morava havia quinze anos no Canadá, trabalhando como engenheiro antes de seu casamento. Vinha de uma família poderosa e influente, ligada ao serviço secreto do governo de seu país. Dawood patrocinou Elham para imigrar ao Canadá em 1995, um ano depois de se casarem. Havia uma grande diferença de idade entre Elham e sua mulher; ela era mais de vinte anos mais jovem que o marido. Elham disse que queria se casar com uma mulher mais jovem para poder "treinar e controlar" sua esposa.

• **Estabelecimento no Canadá**

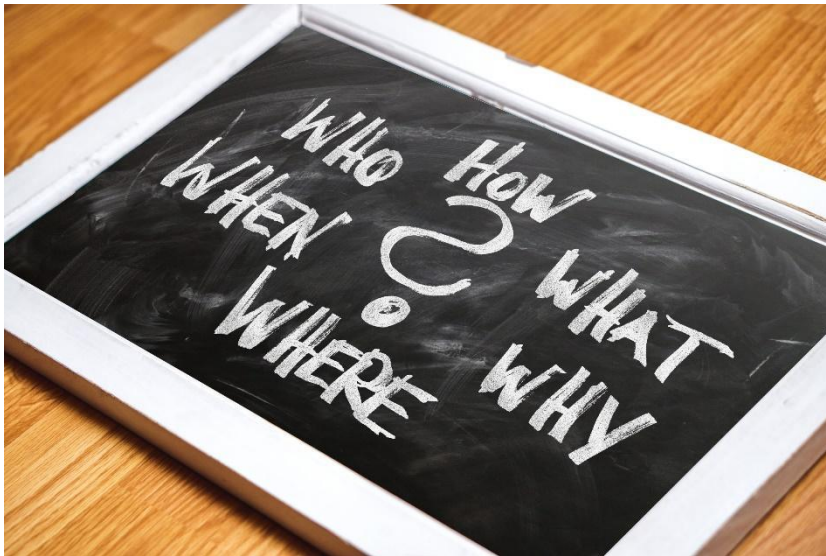
Ao chegar no Canadá, Elham quis voltar aos estudos e completar sua formação em Odontologia. Dawood não a apoiou (para isso), dizendo(-lhe) que gostaria que ela se ocupasse dos afazeres da casa e começasse uma família. Elham se encarregava de todos os aspectos relacionados aos cuidados dos filhos, ajudando-os com as tarefas escolares, atividades extracurriculares e acompanhando-os a visitas médicas. Elham tinha uma irmã que morava no Canadá, porém o restante de sua família permanecia em seu país de origem.

• **Violência Doméstica**

Pouco depois do casamento, Elham descobriu que Dawood mantinha um relacionamento amoroso de longa duração com uma mulher canadense. De fato, Dawood levou a mulher na lua-de-mel do casal, aparentemente como fotógrafa e cinegrafista. Essa relação continuou ao longo dos anos do casamento, e a mulher tinha a chave das três casas onde o casal viveu ao longo dos anos. Era também uma das proprietárias da primeira casa de Elham e Dawood, junto com o casal. Esperava-se que Elham convivesse com esse acordo. Ela ficava isolada em casa e o marido controlava seus relacionamentos. A esposa não tinha a chave da casa e não tinha a liberdade de entrar e sair à vontade.

Desde o início do casamento, Elham sofreu importantes abusos nas mãos de Dawood, que bebia muito, insultava-a e gritava com ela, golpeava-a e a jogava de um lado para outro. Ameaçava matá-la, dizendo que “ir para cadeia valeria cada minuto se ela estivesse morta”. Ele dizia aos

filhos para falarem que odiavam a mãe. Os filhos eram testemunhas da violência contínua e frequentemente suplicavam ao pai que parasse. Elham pensou em chamar a polícia, mas não o fez porque o marido dizia que levaria os filhos para fora do país e ela nunca mais os veria de novo. Como Dawood tinha o passaporte dos filhos, tinha uma família ocupando cargos importantes, e o próprio Dawood trabalhava em uma indústria aérea, a ameaça era bem real.



Dawood interrogava constantemente os filhos, perguntando o que Elham havia feito durante o dia e com quem ela havia conversado. Os filhos não se sentiam confortáveis em fornecer informações sobre sua mãe e não obedeciam. Como castigo, Dawood tirava seus brinquedos e jogos. Ficava irritado e gritava com as crianças. Era extremamente agressivo com eles, repreendendo-os por não cumprirem suas expectativas em relação à escola e aos esportes. Seu comportamento era incoerente, já que em outras ocasiões trazia-lhes presentes. Como resultado dessa imprevisibilidade, os filhos o temiam.

Elham revelou os abusos a seu médico de família, que começou a tratar os sintomas que apresentava. Ao longo dos anos, sua saúde mental era mantida com a ajuda de medicamentos. Elham declarou que, com o passar do tempo, tornou-se mais sábia (esperta), forte e menos tolerante aos abusos. Infelizmente, o marido reagiu negativamente a sua emergente resiliência e os abusos apenas aumentaram.

Os filhos eram instruídos a não chamar Elham de “mãe”; ela conta que era tratada como uma

servente em sua própria casa. Elham não tinha dinheiro próprio e Dawood não lhe proporcionava nenhuma ajuda econômica. Elham começou a trabalhar meio período como assistente de corretor de imóveis quando os filhos estavam na escola. Já havia recebido sua licença como corretora imobiliária, porém Dawood não permitiu que ela a renovasse. Não queria que ela trabalhasse e exigia que ela renunciasse ao que recebia para uso dele. Dawood havia contraído uma dívida de 600.000 dólares devido a decisões financeiras arriscadas e fraude financeira, que incluía utilizar trinta e seis cartões de crédito em nome de Elham. Ao longo do casamento, Dawood abordava Elham com um acordo pós-nupcial que estabelecia que ele teria a custódia dos filhos e ela pagaria uma determinada quantia a ele caso se separassem. Elham não assinou o acordo. Independentemente de sua situação econômica, Dawood dirigia carros de luxo, enquanto Elham dirigia um carro velho que necessitava de reparos.



Em março de 2008, a família de Elham foi a um cruzeiro de uma semana com outra família. Dawood bebeu muito durante a viagem, e já havia sido abordado pelo pessoal do navio por estar causando perturbação. Uma noite, depois de uma discussão, Elham se assustou e se escondeu na cabine dos amigos. Dawood a encontrou e a golpeou na frente deles. Disse que a mataria e a jogaria para fora do navio. A discussão continuou na cabine de Elham, que seguiu sendo golpeada e tendo as roupas rasgadas. Elham conseguiu avisar o oficial de segurança do navio e obteve outra cabine para o resto da viagem. Dawood continuou com os filhos durante os três dias restantes do cruzeiro, e tentou fazer uma lavagem cerebral contra a mãe durante esse período.

Ao voltar do cruzeiro, Elham foi morar com sua irmã na mesma cidade, porém ia à casa do casal para cozinhar, limpar e cuidar dos filhos enquanto Dawood estava trabalhando. Com o apoio da irmã, contatou a polícia, porém, na ocasião, não fez uma acusação. Dois meses mais

tarde, voltou a morar na casa do casal, mas foi relegada ao porão.

Apenas umas semanas depois de voltar para casa, Dawood ameaçou Elham com uma garrafa de cerveja quebrada em seu pescoço, exigindo que parasse de trabalhar. Elham obedeceu. Uma semana depois, houve outra discussão em que Elham enfrentou Dawood por interrogar os filhos e vasculhar suas coisas. Nesse momento, Dawood começou a provocá-la gravando-a com uma filmadora (como ele às vezes fazia). Elham tentou agarrar a filmadora, porém Dawood a empurrou para o chão, onde caiu, batendo a cabeça, caindo sobre os cotovelos e machucando o pescoço. Ela disse a Dawood que não viveria mais com os abusos. Chamou a polícia, que pediu que ela se mudasse para um lugar seguro. Os agentes mantiveram Dawood ocupado enquanto Elham pegava seus pertences. Mudou-se para um abrigo com os filhos. Não foi prestada queixa, e Dawood tentou convencer a polícia que havia sido ela quem o atacara. A *Children's Aid Society* (Sociedade de Apoio às Crianças – CAS) foi chamada e os filhos receberam aconselhamento no abrigo em relação aos abusos. Elham solicitou uma ordem de restrição (*restraining order*) contra o cônjuge, que foi posta em efeito por dezesseis meses. A esposa terminou a ordem de restrição acreditando que ela e os filhos estavam a salvo e querendo minimizar conflitos para a família.

• Resolução

Uma vez finalizada a ordem de restrição, Elham e o marido, com a intervenção do tribunal, acertaram um calendário de visitas. Um ano depois, houve um incidente com Dawood e as crianças, que não viram o pai por mais seis meses. A *Children's Aid Society* interveio. O desejo de Elham era começar uma vida nova e proporcionar estabilidade, amor e cuidado aos filhos. Dawood continua tentando enganar os tribunais com uma versão diferente dos eventos que levaram à separação. O Escritório de Advocacia para Crianças (*Office of the Children's Lawyer*) (*OCL*) foi envolvido para representar os melhores interesses das crianças (*Best Interest of the Children*). Elham está buscando custódia compartilhada (*Joint custody*) e apoia visita aos filhos, com a condição de que seu cônjuge busque ajuda para solucionar seus problemas de ira e alcoolismo. Ela está buscando pensão alimentícia para ela e para os filhos.

• Referência de mídia

Questions © Gerd Altmann é licenciada sob a licença CC0 (Creative

Commons Zero). Boats in a dock © strikers é licenciada sob a
licença CC0 (Creative Commons Zero).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 14: RITU E SATINDER

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Ritu	Satinder
Idade no momento do matrimônio	27	30
Idade*	28	31
País de Origem	Índia	Índia
Religião	Sikh	Sikh
Educação	Licenciatura	Licenciatura
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Tecnologia da Informação	Sem informação disponível
Emprego	Trabalha em uma rede de fast-food	Diretor de recursos humanos
Categoria usada na imigração	Classe familiar: Satinder patrocinou Ritu pelo programa de patrocínio de cônjuge	Sem informação disponível
Status de imigração	Residente Permanente	Cidadão
<p>Número de anos de casamento: 1</p> <p>Número de filhos*: Nenhum</p>		

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

- **História Pré-Migração**

Ritu graduou-se em Administração de Empresas na Índia. Enquanto estudava, trabalhava em período integral em uma grande empresa de web design e marketing digital na Índia. Deixou de trabalhar durante um curto período para estudar para seus exames da faculdade, porém retomou o emprego depois do casamento, trabalhando para uma pequena (companhia) provedora de soluções da web como diretora executiva sênior. Preparando para se mudar para o Canadá, deixou a posição depois de cinco meses para estudar para a prova do Sistema Internacional de Avaliação de Idioma Inglês (International English Language Testing System - IELTS). Entretanto, em abril de 2016, Satinder chegou à Índia para submeter-se a uma cirurgia na coluna vertebral e Ritu não completou os exames do IELTS, pois teve de cuidar da recuperação do marido.



Ritu e Satinder se conheceram em um website matrimonial utilizado por sul-asiáticos. Começaram a se falar à distância e mantiveram contato por um ano antes de se casarem. No momento do matrimônio, Ritu tinha vinte e sete anos e Satinder, vinte e nove. A família de Satinder foi à Índia para dar a ela o "*Shagun*"² seguindo a tradição indiana. Antes do casamento, Satinder escreveu uma nota de agradecimento no website matrimonial em que expressava sua gratidão pelo êxito da união. Casaram-se na Índia. Depois da lua-de-mel, Satinder voltou ao

²Em algumas culturas sul-asiáticas, Shagun são presentes dados à noiva (incluindo pulseiras, joias de ouro, relíquias de família, etc.) que simbolizam sua aceitação na família do noivo. (Cultural India, n.d.).

Canadá. O casal falava por telefone diariamente, às vezes por até quatro horas. Durante suas conversas, Satinder prometia ajudar Ritu a melhorar sua educação quando chegasse ao Canadá, para que pudesse seguir uma carreira de programadora de software. Um ano depois de se casarem, Ritu chegou ao Canadá como residente permanente graças ao programa de patrocínio de cônjuge.

• **Estabelecimento no Canadá**

Pouco depois da chegada de Ritu ao Canadá, Satinder recomendou que completasse um programa de assistente dentária de nove meses para garantir uma renda estável e, só depois, seguisse uma carreira de programadora de software. Ela começou seus estudos universitários como assistente dentária dois meses depois de chegar ao Canadá. Entretanto, quando chegou o momento de solicitar empréstimos estudantis, Satinder negou-se a ser um cossignatário e ela decidiu que essa não lhe seria uma opção possível.

Quatro meses depois de chegar ao Canadá, Ritu encontrou trabalho como funcionária de uma fábrica em tempo integral, e foi demitida depois de um mês. Desde então, não pôde se manter economicamente.

• **Violência Doméstica**

Quando Ritu chegou ao Canadá, em maio de 2016, foi morar com Satinder e seus pais. Quinze dias depois de sua chegada, Satinder disse à esposa que tinha um parceiro sexual masculino, e que precisava de uma esposa para camuflar sua orientação sexual. Seus pais conheciam sua orientação sexual antes de seu casamento com Ritu. Segundo a esposa, Satinder consumou o casamento durante a lua-de-mel para que ela não suspeitasse de sua orientação sexual.

Satinder disse a Ritu que queria que seu parceiro e o casal morassem juntos em outra casa, ideia que Ritu rechaçou. Satinder disse-lhe que, nesse caso, ela continuaria vivendo com os pais dele enquanto ele se mudaria com o parceiro.

Depois de se mudar, Satinder continuou visitando sua família com regularidade. Em uma das visitas, Satinder manteve relações sexuais com Ritu sem seu consentimento. Ritu continuou sofrendo abusos verbais, físicos e sexuais por parte de Satinder e seus sogros desde o início. Os

sogros acreditavam que a sexualidade de Satinder envergonhava a família, e queriam que Ritu, em seu papel de esposa, desse cobertura à sexualidade de Satinder. Os sogros obrigavam o casal a frequentar compromissos sociais para manter as aparências de um casal heterossexual feliz. Eles ameaçavam Ritu com deportação, e de arruinar sua reputação caso não obedecesse. Satinder, agitado e irritado com a pressão da situação, tornou-se cada vez mais violento com Ritu.

Quando Ritu vivia com os sogros, eles tomaram suas jóias de ouro, mantendo-as no cofre do sogro no banco. Os sogros também controlavam seus movimentos, proibindo-a de sair e fazer amigos. Como Ritu continuava negando-se a viver com Satinder e seu parceiro, o marido pediu o divórcio, tentando fazer a esposa assinar os papéis da separação em vários momentos. Em uma ocasião, quando ela se negou, ele bateu a porta contra ela, que acabou caindo no chão. Enquanto isso, os pais de Satinder continuavam querendo que o casamento de Satinder e Ritu se parecesse com um relacionamento heterossexual funcional e pressionavam a mulher a ter um filho para, assim, selar a ilusão.

Em setembro de 2016, quatro meses depois de chegar ao Canadá, os sogros de Ritu ligaram para seus pais para dizer-lhes que o casamento havia acabado porque Ritu estaria tendo um caso. Era uma mentira descarada. Temendo por sua segurança, Ritu chamou a polícia, que a levou a um abrigo para mulheres. Ali descobriu que Satinder havia posto um aplicativo para rastrear seu telefone. Enquanto Ritu vivia no abrigo, Satinder alegou que a esposa havia criado um perfil falso de Instagram nas redes sociais com a intenção maliciosa de causar-lhe dano. Afirmou que ela havia publicado fotos dele com o parceiro. Ritu negou as alegações e colaborou plenamente com a polícia durante as investigações.



- **Resolução**

Satinder preencheu um pedido de divórcio. Ritu está pedindo pensão alimentícia e divisão igualitária, e quer que suas jóias lhe sejam devolvidas. Os ganhos de Satinder no momento da separação foram estimados em aproximadamente 60.000 dólares por ano. Ela recebeu a soma de 2.000 dólares como pensão alimentícia final, porque Satinder havia deixado o emprego para seguir seu programa de graduação e sua única fonte de renda no momento era o OSAP. Enquanto o caso era examinado pelo Tribunal de Família, ela recebeu ajuda do Ontario Works e começou o processo para melhorar suas habilidades linguísticas e de emprego. Atualmente, Ritu está cursando estudos pós-secundários em uma faculdade da comunidade. Ela continua endividada devido aos empréstimos estudantis.

- **Referência de mídia**

Gold Jewelry © 8180766 é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).
license

Vine on leaf © Steve Buissinne é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

ESTUDO DE CASO NÚMERO 15: AYESHA E KABIR

Perfil	Mulher	Homem
Nome	Ayesha	Kabir
Idade no momento do matrimônio	25	27
Idade*	31	33
País de Origem	Bangladesh	Bangladesh
Religião	Muçulmana	Muçulmana
Educação	Licenciatura	Pós-graduado
Nível de inglês	Proficiente	Proficiente
Emprego antes de imigrar	Estudante	Estudante
Emprego	Desempregada	Tecnologia da Informação
Categoria usada na imigração	Sem informação disponível	Classe familiar: Ayesha patrocinou Kabir pelo programa de patrocínio de cônjuge
Status de imiigração	Cidadã	Residente Permanente (2005)

Número de anos de casamento: 6

Número de filhos*:

- Filho: Salim (4 anos de idade)

*No momento da aplicação no Tribunal de Família.

● **História Pré-Imigração**

A família de Ayesha imigrou para o Canadá vinda de Bangladesh. A família seguia o Sufismo, uma forma espiritual do Islã. Na época do casamento, Ayesha era estudante universitária. Ela estava completando seu Bacharelado em Artes (B.A) e já morava em Toronto com a família havia quatro anos. Ayesha era uma cantora talentosa de Bangladesh, cantava com cantores profissionais. Todos os membros de sua família eram cidadãos canadenses. Kabir morava no Reino Unido, cursando Tecnologia. Ele vinha de uma família abastada; seu pai era um oficial de alto escalão na indústria aeronáutica. O casal teve um casamento arranjado, em comum acordo com as famílias. O matrimônio aconteceu em Bangladesh em 2004.

● **Estabelecimento no Canadá**

Ayesha completou seu Bacharelado em Artes (B.A.), em Junho de 2005, logo após seu casamento. Ela patrocinou Kabir para imigrar ao Canadá e ele chegou um mês depois de ela se graduar. O casal estabeleceu-se em uma grande cidade no Canadá. Kabir não permitia que a esposa trabalhasse depois do casamento, e arranhou um emprego na área de TI de um banco. Ayesha engravidou logo depois de se casar, e a criança nasceu em 2006.

● **Violência Doméstica**

As agressões começaram logo que o casal passou a viver junto. Logo no começo, Kabir reclamava das habilidades culinárias da esposa. Uma vez, ele forçou a cabeça da esposa sobre uma panela com óleo quente, dizendo que estava ensinando a temperatura correta para se cozinhar. Com medo da sua ira e violência, Ayesha logo tornou-se submissa ao marido. Durante a gravidez, Kabir batia, empurrava e golpeava a mulher; ele não queria a criança e forçava a companheira a abortar; fornecendo uma lista de ajuda feita por sua família estendida, mas ela se recusou.

Durante o quarto mês de gravidez, Ayesha revelou a seu médico de família que ela e o marido estavam enfrentando problemas em seu casamento. O médico encaminhou o casal a um psiquiatra, e durante a reunião conjunta, o psiquiatra sugeriu que Kabir consultasse um outro profissional sobre seus problemas de raiva. O marido ficou aborrecido com a recomendação e não voltou ao consultório. Também proibiu a mulher de ir às outras sessões e seu comportamento abusivo piorou.

O filho do casal nasceu por cesariana, e os pais de Ayesha vieram ajudar a família por uma semana. No entanto, a visita foi interrompida quando Kabir insultou a sogra e ela foi embora. A esposa, entretanto, obteve ajuda durante esse período. A



enfermeira de saúde pública que atendia Ayesha em casa depois do parto notou que Ayesha estava apresentando sintomas de problemas de saúde mental. Suspeitou de depressão pós-parto e apoiou Ayesha emocionalmente.

Ayesha era responsável por todas as tarefas domésticas, pela criação do filho, e pelos cuidados com a família estendida do marido. O choro do bebê atrapalhava o sono de Kabir, que mandou a esposa dormir com o filho em outro quarto, em um sofá-cama. A mulher mudou-se para a casa dos pais com a criança, por alguns meses, enquanto o cunhado de Kabir mudou-se para a casa do casal.

Com o passar dos anos, Kabir continuou a ser um disciplinador estrito, exigindo ordem e obediência por parte da esposa e do filho. Caso o filho não cumprisse suas ordens imediatamente, Kabir o reprendia, o chacoalhava e lhe batia. O menino tinha medo do pai. Ayesha não podia intervir, ou apanharia. Kabir começou um novo emprego, e a família mudou-

se para uma nova casa em junho de 2010. O título de propriedade da casa estava em nome de Kabir, que começou a ganhar bem e fazer cursos de pós-graduação em uma faculdade local. Kabir disse à esposa que seu território era a casa, que deveria estar limpa e organizada; caso não estivesse, ela apanharia.

Em janeiro de 2010, quando o tio de Ayesha veio visitá-los, testemunhou Kabir sendo abusivo com Ayesha e o filho. Kabir tinha batido na esposa com seu sapato, e isso chateou o filho, que tentou intervir. Kabir ficou furioso e jogou o filho no sofá. Quando o filho interveio de novo, Kabir chutou a criança para dentro do banheiro e apagou as luzes, o que aterrorizou a criança.

Ayesha começou a apresentar problemas de saúde mental durante os anos, frutos do abuso que sofreu, e que não foram tratados. Esses fatos aconteceram entre 2007 e 2010. Em 2010, o abuso atingiu seu pico. Kabir disse à esposa que se a família dela não estivesse morando no Canadá, ele a teria matado. Ele ameaçou matá-la e depois se matar. Ele a ameaçava com uma faca e a chamava de “ignorante e burra”, entre outras coisas. O filho testemunhava grande parte das agressões, chorava e tentava proteger a mãe.

Em agosto de 2010, Kabir chamou os pais de Ayesha para levá-la embora, dizendo que ela não deveria voltar até que “melhorasse”. Ayesha e seu filho passaram a morar com os avós. O pai de Ayesha levou a filha ao médico de família, que a encaminhou para um ambulatório clínico de saúde mental, onde iniciou tratamento em outubro de 2010. A clínica solicitou que o marido a acompanhasse para a consulta inicial com um assistente social. O marido disse que não podia comparecer; a clínica contactou o pai de Ayesha e pediu que ele a levasse ao hospital. No dia seguinte, o pai levou a filha à consulta e ela conheceu o psiquiatra. Durante as visitas, Ayesha disse que tinha medo do marido.

Ela confidenciou ao médico que acreditava que o marido tinha poderes especiais e que tinha medo dele. O psiquiatra disse que tinha o dever de reportar (*duty to report*) por motivos de segurança para a polícia e a *Children's Aid Society* (Sociedade de Apoio às Crianças), caso ela não pudesse fazer as denúncias sozinha.

Ayesha reportou os abusos à polícia, que a encaminhou a um abrigo junto com o filho. Ela

ficou no abrigo por uma noite e então, mudou-se para a casa de seus pais. Kabir foi preso e acusado de agressão, agressão a mão armada, e ameaças. Ele foi liberado sob a condição de não-contato (*non-contact condition*).

A *Children's Aid Society* foi chamada na época da investigação policial, e uma profissional de admissão visitou a casa dos pais de Ayesha para conduzir uma avaliação de risco. O objetivo era assegurar que o ambiente era seguro para a criança e oferecer apoio a Ayesha, caso necessitasse.



- **Resolução**

Kabir deu entrada em uma processo no tribunal, requisitando a custódia e a visita ao filho. Ayesha está tentando a custódia total do filho com permissão de visita a Kabir. Uma Avaliação Seção 30 (*Section 30 Assessment*), prevista na *Children's Law Reform Act of Ontario – CLRA* (Ato de Reforma de Lei da Infância) havia sido feita e um psicoterapeuta, na época, recomendou custódia total ao pai. A corte pode pedir uma Avaliação Seção 30 (*Section 30 Assessment*) quando há uma preocupação em relação à capacidade de um dos pais, principalmente relacionada a saúde mental, de prover cuidados e segurança à criança. Ayesha está agora administrando bem sua saúde mental, e a criança está sendo bem cuidada por ela, com a ajuda dos avós maternos. Enquanto os processos estavam correndo, o pai conseguiu direito de visita supervisionada ao filho.

Ayesha contestou a avaliação, e um relatório de revisão (*critique report*) foi conduzido, já que o relatório da Seção 30 (*S.30 report*) não levou em conta os problemas de raiva de Kabir ou os aspectos relacionados à violência doméstica. O relatório de revisão recomendou que Ayesha mantivesse a custódia do filho, e que um “Grupo de Suporte e Prestação de Contas” (*Community of Support and Accountability-C.O.S.A.*) fosse criado para ela, para garantir que todas as necessidades da criança fossem atendidas. O caso foi resolvido com um acordo de custódia paralela em que Ayesha é responsável por tomar decisões em relação à religião e à saúde da criança, e o pai, em relação à educação. A criança mora primariamente com a mãe e visita o pai. Ayesha recebe pensão alimentícia do marido para o filho e para ela. A casa do casal foi vendida e ela recebeu parte da venda.

- **Referência de mídia**

Broken egg shell © Mabel Amber é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

Tree near water © Bessi é licenciada sob a licença CC0 (Creative Commons Zero).

Questões para Discussão

1. Você conhece alguém na sua comunidade que tenha vivenciado uma situação semelhante à das mulheres destes estudos de caso?
2. O que as mulheres em sua comunidade fazem quando vivenciam uma situação violenta na família?
3. Como você pode fornecer apoio a uma mulher vítima de violência doméstica em sua comunidade?
4. Você conhece alguma agência/instituição que ofereça serviços a mulheres vítimas de violência doméstica?
5. Que serviços são oferecidos por essa agência/instituição?